

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

**A (DES) CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL  
DE ENSINO FUNDAMENTAL CANDINHA SARAIVA NO MUNICÍPIO DE  
ARROIO DOS RATOS, RS**

**MÁRCIA DUTRA**

**ARROIO DOS RATOS  
2011**

**MÁRCIA DUTRA**

**A (DES) CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL  
DE ENSINO FUNDAMENTAL CANDINHA SARAIVA NO MUNICÍPIO DE  
ARROIO DOS RATOS, RS**

Monografia apresentada ao curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de graduação tecnológica.

Professor Orientador: Luis Aquiles Martins Medeiros  
Coorientador: Danielle Marzari Possatti

**ARROIO DOS RATOS  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

**MÁRCIA DUTRA**

**A (DES) CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL  
DE ENSINO FUNDAMENTAL CANDINHA SARAIVA NO MUNICÍPIO DE  
ARROIO DOS RATOS, RS**

Monografia apresentada ao curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de graduação tecnológica.

Professor Orientador: Luis Aquiles Martins Medeiros

Coorientador: Danielle Marzari Possatti

**Banca examinadora:**

---

**Prof. Luis Aquiles Medeiros (orientador)**  
**Faculdade de Ciências Econômicas - UFRGS**

---

**Prof. Cleia Margarete Macedo da Costa Tonin**  
**Faculdade de Ciências Econômicas - UFRGS**

---

**Prof. João Daniel Dorneles Ramos**  
**Faculdade de Ciências Econômicas - UFRGS**

## A LIBERDADE COMO PROBLEMA

José Paulo Paes

A Torneira seca  
(Mas pior: a falta de sede)

A luz apagada  
(Mas pior: o gosto do escuro)

A porta fechada  
(Mas pior: a chave por dentro)

(Pior que a contingência adversa, é a ausência do desejo de transformar-(se) e ao mundo, é a renúncia à liberdade.)

Dedico este trabalho a Gabriel e Júlia, meus filhos, razão pela qual continuo a existir.

Vargas, esposo e companheiro de trabalho, cuja coragem, generosidade e superioridade espiritual me desafiam a ser alguém melhor a cada dia.

## AGRADECIMENTOS

A travessia teria sido inviável sem a presença de algumas pessoas.

Ainda que seja difícil dimensionar em palavras toda minha gratidão, gostaria de tornar pública a presença destas pessoas, sem as quais o caminho seria mais árduo.

À minha família, por me oferecerem sempre o melhor.

Aos colegas e companheiros de curso pelo suporte nos momentos mais críticos: Edson Scotti Martins, Julio César Saquete e José Carlos Azeredo.

Ao colega José Carlos Azeredo, como gestor deste município, que perseverou neste projeto, nele investindo uma parte importante de sua própria vida, um agradecimento especial.

Às pessoas que insistem na profissão de educadores no município de Arroio dos Ratos, muitos dos quais foram meus colegas nos tempos de magistério, especialmente aos colegas da comunidade escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Candinha Saraiva por acolher minhas perguntas.

Ao professor Luis Aquiles e à tutora orientadora Danielle Marzari Possati, pela orientação sensível e competente.

Ao Professor Lovois, cuja sabedoria e generosidade em muito extrapolam todo o saber acadêmico.

E a Deus, simplesmente.

## RESUMO

O presente estudo analisa a história da Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva no município de Arroio dos Ratos, a partir de pesquisa de campo desenvolvida na escola e na comunidade, entre março e junho de 2011. A escolha pelo tema de pesquisa teve origem na formação da pesquisadora como educadora, e a escolha da unidade de educação Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva devido ao processo de aproximação desta unidade em direção ao perímetro urbano do município ao longo de sua história. Foram entrevistados pais, professores e gestores na comunidade, com o propósito de desvendar através da história da escola, inserida no contexto rural do município, os fatores que levam ao esvaziamento do quadro de discentes. Como pano de fundo desta história, o fim do modelo urbano/industrial da extração de carvão na região, e o abandono social da comunidade, que se adapta ao invés de lutar. Após coleta de dados, pesquisa bibliográfica e documental, concluímos que a perda de alunos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva se deve a fatores ligados às políticas públicas destinadas à educação do campo em Arroio dos Ratos como resposta adaptativa aos fatores externos da política econômica global, em detrimento da retomada do protagonismo de ações propositivas em direção à construção de uma educação inclusiva das próximas gerações.

**PALAVRAS CHAVE:** Arroio dos Ratos - Educação do Campo em Arroio dos Ratos - Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva.

## ABSTRACT

This work is an analytical history of Candinha Saraiva Elementary School in the city of Arroio dos Ratos developed through a field research which took place in the school and community between March and June of 2011. The choice for this research theme had its origins in the training of the researcher as an educator and the choice for Candinha Saraiva Elementary School was due to the process of proximity of this school unit to the vicinity of the urban area of this city throughout its history. Parents, teachers and community administrators were interviewed with the purpose of finding out through the school history inserted within the rural vicinity of the city the reasons why there is an evasion of the student body. As a background history, the end of the model of the coal urban/industrial extraction in the region, the social abandonment of the community, that prefers to adapt rather than fighting it. After data gathering, bibliographical and documental survey, we conclude that the loss of students at Candinha Saraiva Elementary School is a result of factors connected to public policies addressed to rural education in Arroio dos Ratos as an adaptive response to external factors of the global economics policies, in detriment to the recapturing of the main leading actions in the direction of building an inclusive education for the future generations.

**KEY WORDS:** Arroio dos Ratos - Field education - Candinha Saraiva Elementary School



**LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS**

## QUADRO E GRÁFICO 1

Escola Candinha Saraiva na Fazenda San Martin (1968 a 1976).....35

## QUADRO E GRÁFICO 2

Escola Eptácio Pessoa no Passo da Barca (1963 a 1976).....40

## QUADRO E GRÁFICOS 3

Escola Candinha Saraiva Passo da Barca (1977 a 1986).....41

## QUADRO E GRÁFICO 4

Escola Candinha Saraiva Passo da Barca (1987 a 1996).....44

## QUADRO E GRÁFICO 5

Escola Candinha Saraiva Passo da Barca (1997 a 2006).....46

## QUADRO E GRÁFICO 6 –

Escola Candinha Saraiva Passo da Barca (2007 a 2011).....47

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 .....</b>	<b>28</b>
<b>Escola Candinha Saraiva hoje</b>	
<b>FIGURA 2 .....</b>	<b>29</b>
<b>Brinquedos no pátio da escola</b>	
<b>FIGURA 3</b>	
<b>Paisagem</b>	<b>no</b>
<b>escola.....</b>	<b>entorno</b>
	<b>da</b>
	<b>30</b>

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

1.	As interfaces rural urbano no Brasil e a Educação do Campo.....	15
2.	Arroio dos Ratos: a Educação do Campo a caminho da cidade.....	20
2.1.	Contexto histórico de Arroio dos Ratos.....	20
2.2.	A educação em Arroio dos Ratos.....	23
2.3.	O campo em movimento: o discurso de fechamento da Escola Candinha Saraiva.....	26
3.	Apresentação e análise de dados.....	34
3.1.	O início no Faxinal: 1968 a 1976.....	34
3.2.	Escola Epitácio Pessoa no Passo da Barca: 1953 a 1977.....	38
3.3.	Escola Candinha Saraiva, entre o rural e o urbano: 1977 a 2011.....	43

### CONSIDERAÇÕES

FINAIS.....	49
-------------	----

### REFERÊNCIAS

### ANEXOS

**ANEXO 1 - Mapa de Arroio dos Ratos (década de 70) com registro das escolas municipais rurais extintas e existentes.**

**ANEXO 2 - Entrevista realizada em julho de 2011 com a primeira professora da Escola Candinha Saraiva na Fazenda San Martin em 1968.**

**ANEXO 3 - Entrevista com Prof<sup>a</sup> Palmira Lindner Rodrigues em julho de 2011, primeira professora da escola Epitácio Pessoa.**

**ANEXO 4 - Entrevista com a professora Vera Silveira, em julho de 2011, com regência de classe na atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva**

**ANEXO 5 -Entrevista realizada com professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva em dezembro de 2010**

**ANEXO 6 - Entrevista realizada com Carla Siqueira Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva em dezembro de 2010**

**ANEXO 7 - Entrevista com Secretário de Educação do município de Arroio dos Ratos Gilmar Teixeira, em julho de 2011 sobre a proposta de fechamento da escola Candinha Saraiva.**

**ANEXO 8 - Lei 228/77 de regulamentação das escolas existentes no município, divididas em escolas rurais e urbanas.**

**ANEXO 9 - Decreto 65/86 Denomina as escolas municipais e dá outras providências.**

**ANEXO 10 - Levantamento das Atas dos Resultados Finais – 1995**

**ANEXO 11 - Ata de reunião ocorrida nas dependências da escola entre pais, professores e gestores pra tratar sobre a possibilidade de fechamento da escola.**

**ANEXO 12 - Boletim estatístico das matrículas do atual ano letivo de 2011.**

## INTRODUÇÃO

A educação tem se constituído como um dos pilares para o desenvolvimento das sociedades, tornando-se consenso entre os pesquisadores a afirmação de que a escola desempenha um papel fundamental de reprodução social. De fato, para Dewey (1971) é impossível separar educação do mundo da vida. De modo que as concepções filosóficas de educação ajustam-se ao processo histórico-social, permeadas pelo discurso de natureza ora cartesiana, crítico - reprodutivista, liberal, tecnicista, neoliberal, pragmática ou pós-moderna.

As transformações sociais acentuaram-se ao final do século XX e início do XXI afetando diretamente a vida das comunidades rurais. Em Arroio dos Ratos, fatores como as dificuldades para o desenvolvimento da agricultura familiar como modo de reprodução social, o acoplamento da identidade do campo aos modelos da cultura urbanizada, proporcionado pelas mudanças tecnológicas e expansão das redes de comunicação e transportes, transformaram e ainda tencionam as relações sociais, modificando os cenários do município, esvaziando-o de suas escolas rurais, deslocando a identidade sócio-cultural dos moradores do campo em direção a um estereotipado comportamento metropolitano com fortes características rurais.

Mudanças da reestruturação do capitalismo nas últimas décadas provocaram impactos também no sistema educacional municipal de Arroio dos Ratos reforçando as desigualdades sociais ao priorizar a manutenção das escolas urbanas em detrimento das rurais. O modelo neoliberal adotado como estratégia de gestão na educação do município desde a década de 1990 tem minimizado a participação do Poder Público Municipal com a Educação do Campo, resultando em desmantelamento e por fim a proposição de fechamento de escolas rurais no município. A necessidade de deslocamento de jovens e crianças do meio rural para frequentar os estabelecimentos urbanos de ensino, estimula o êxodo rural, impactando profundamente a estrutura social da comunidades.

No decorrer da década de 1990 o Projeto de Nucleação aplicado ao sistema educacional do município extinguiu a maioria das escolas do campo em Arroio dos Ratos, restando apenas duas escolas rurais, dentre elas a Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva (dados da pesquisa). A história desta escola com suas origens no campo, suas dificuldades e sucessivos esvaziamentos do quadro de alunos, constituem o principal interesse desta pesquisa.

Nesse sentido, este estudo tem seu escopo na questão que segue: porque a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Candinha Saraiva vem perdendo a importância apresentando diminuição no seu quadro de alunos?

Esta pesquisa propõe uma análise dos fatores econômicos, políticos e psicossociais que levam ao esvaziamento da escola, utilizando-se como quadro de referência, as transformações na sociedade e suas necessidades, inclusive de revalorização da educação, no âmbito da Educação do Campo em Arroio dos Ratos.

Assim este trabalho pretende compreender a realidade da educação do campo no município de Arroio dos Ratos, focando o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva, cuja infraestrutura foi capaz de atender cerca de cem alunos durante o Projeto Acelera Brasil entre os anos de 2003 e 2005, no entanto encerra o ano letivo de 2010 sob a perspectiva de fechamento, com uma projeção de atendimento de apenas nove alunos em 2011 em turmas multisseriadas.

O problema de investigação tem como premissa básica o fato de que a Educação do Campo em Arroio dos Ratos vem perdendo sua importância, diante da diminuição do quadro de alunos, gerando conjecturas a respeito do fechamento de escolas rurais. O gerenciamento dessas escolas afetam diretamente a vida das pessoas na comunidade, principalmente atores como a família dos alunos, funcionários e professores. No cotidiano dessas escolas ecoa a necessidade de pesquisar como a forma de gestão atua no sentido da exclusão das unidades de ensino do campo, acentuando as diferenças sociais. Apesar das distinções entre escola rural e urbana, em municípios considerados de pequeno porte como Arroio dos Ratos, campo e cidade são territórios interdependentes que se entrecruzam, incitando o questionamento acerca da rigidez conceitual entre escola do campo e escola da cidade.

Este estudo pretende analisar a história da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Candinha Saraiva, em um recorte de tempo e espaço em que esta escola é construída, reconstruída, desestruturada e reestruturada. Estudo este que se destina, portanto, a investigação dos fatores que vem, ao longo do tempo contribuindo para o processo de (des)Construção da escola rural Candinha Saraiva no município de Arroio dos Ratos, RS. O título com o prefixo entre parênteses põe em relevo o caráter de reestruturação como um baixo contínuo na história da escola, como expressão do processo histórico de desenvolvimento local, historicamente vinculado às peculiaridades da economia extrativista do carvão, e neste século sob o impacto da economia globalizada, que leva ao esvaziamento das escolas rurais.

A história de Arroio dos Ratos é o pano de fundo no qual se desenha a trajetória da escola no espaço rural do município, em que escolas rurais são construídas, fechadas,

reformadas, renomeadas novamente, para serem reabertas sob novas perspectivas políticas, sempre em direção ao espaço urbano acompanhando as novas bases econômicas do município.

A principal fonte de pesquisa sobre o município de Arroio dos Ratos, o livro *Arroio dos Ratos: berço da indústria carbonífera nacional* de autoria do Cônego Ervino Lothar Sulzbach, dedica duas linhas à existência de escolas municipais em Arroio dos Ratos:

“Havia ainda Escola Municipais que ofereciam aprendizado de 1ª a 4ª série somente.” (SULZBACH1985p.127)

No entanto, esta pesquisa encontrou documentos que comprovam significativo dinamismo da Educação do campo em Arroio dos Ratos, através do registro de pelo menos dez escolas do campo desde 1940; encontramos também um antigo mapa da década de 1970 que aponta a localização geográfica destas escolas.

Daí a importância de contextualizar a história desta escola, bem como do traçado que se delineia ao longo do tempo, no espaço geográfico do município, uma escola que se adapta que acompanha os movimentos do campo.

Ao longo de sua história, a escola passou por transformações significativas acompanhando as mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, além de mudanças na posição geográfica em direção ao centro urbano do município. Desde a precária estrutura inicial na Fazenda San Martin, até a atual unidade de ensino próxima ao núcleo urbano da cidade, esta escola esteve inserida no contexto do campo, com suas paisagens, hábitos, afazeres e cultura típicos do campo, portanto, durante décadas, considerada pelos gestores e comunidade como uma típica escola rural.

Entrevistas com antigos professores das Escolas Professora Candinha Saraiva e Epitácio Pessoa, remetem suas lembranças às turmas multisseriadas, que iam da primeira à quinta série do ensino primário, às atribuições da professora que iam desde a limpeza e manutenção da escola, até o planejamento das aulas e envio de relatórios à secretaria de educação. Lembram-se das crianças, filhos de agricultores e trabalhadores rurais que frequentavam a escola, das longas distâncias percorridas a pé, a cavalo ou em carroça. No presente, professores, gestores, funcionários e pais mobilizados pela possibilidade de fechamento da escola. O final do ano de 2010 foi atribulado para a administração municipal. Uma solicitação do prefeito ao secretário de educação, para que se cumprisse com o fechamento da escola devido o reduzido número de matrículas colocou em pauta a discussão sobre a educação do campo e suas peculiaridades, inclusive se a escola é rural ou urbana.

No último dia do ano letivo de 2010, uma reunião sediada na escola entre pais, professores e a equipe responsável pela rede municipal de educação do município, gerou debates e tensões entre os atores envolvidos. Sem um consenso sobre como gerir a situação, os fatos tiveram desdobramentos que adentraram o ano letivo de 2011, com a redução do quadro de discentes, transferência de funcionários e professores e principalmente o retorno às turmas multisseriadas. Afinal, a escola Candinha Saraiva iniciava o ano letivo de 2011 com nove alunos numa infraestrutura com capacidade para atender cem alunos.

Atualmente, esta escola está sediada próxima à BR 290, muito mais perto da sede urbana que da comunidade rural que atende, conforme consta no mapa em anexo.

O município de Arroio dos Ratos vem apresentando sinais de revigoração econômico, com a expansão do setor de prestação de serviços e investimentos na educação com a implantação do pólo universitário da Universidade Aberta do Brasil.

A discussão acerca dos conceitos e interfaces entre rural-urbano que permeiam a realidade local reacendeu entre os estudantes universitários e professores da comunidade o debate sobre educação do campo, dado a constatação da possibilidade de fechamento da escola Candinha Saraiva, apontando contradições do modelo sócio político em termos de desenvolvimento para o município.

A escolha pelo tema foi motivada por experiência pessoal da pesquisadora em arte-educação com alunos da rede municipal de ensino em Arroio dos Ratos entre 1987 e 1998, além da atual experiência com sócio-educação junto a jovens em conflito com a lei, oriundos de municípios do interior do estado, com acentuadas características urbano-rurais tais como Arroio dos Ratos. Considerando o reduzido número de pesquisas em educação do campo em contraste com um aumento de interesse pela função social destas, e a necessidade de investigar as novas relações que os indivíduos estabelecem com as instituições responsáveis por geração de conhecimento, este estudo propõe uma reflexão em torno das especificidades da educação do campo no município de Arroio dos Ratos, enriquecendo o processo de formação profissional sob as novas diretrizes para a educação do campo no Brasil.

O principal objetivo deste estudo é descrever a trajetória sócio-histórica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Candinha Saraiva, desde a década de 1950 até os dias atuais, procurando identificar os fatores ligados à realidade do campo em Arroio dos Ratos que conduziram à redução do quadro de discentes.

Para que fosse exequível, foram elencados os seguintes objetivos específicos:



- Descrever as diversas fases históricas da escola localizando-as no tempo e no espaço geográfico do município;
- Examinar as variações do número de discentes ao longo da história da Escola Candinha Saraiva;
- Relacionar as razões da diminuição de discentes na escola, e em razão dos aspectos econômicos vigentes e sua influência na educação do campo no município;

O objeto de pesquisa e os aportes metodológicos traduzem a escolha estratégica de estudo de caso de cunho exploratório e natureza qualitativa.

Quanto ao delineamento, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa de abordagem qualitativa permite aprofundar a compreensão dos fatos implicados na situação atual desta escola, conforme Gerhardt e Silveira (2009) *“preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.”* (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.31).

Trata-se, portanto, de um estudo de caso, de cunho exploratório realizado através de entrevistas semi estruturadas, pesquisa documental, bibliográfica e virtual, no qual, é possível *“uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.”* (FONSECA apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.39).

Para a realização do trabalho foram selecionados, além dos autores já referenciados na revisão da literatura, pessoas da comunidade que participaram/participam diretamente da história da escola, como professores, gestores, pais de alunos e funcionários da escola. Também foram realizadas visitas de observação da dinâmica escolar e da paisagem do entorno, com suas características de vivências do campo.

Foi utilizado o recurso da divisão do tempo em diferentes períodos da escola, relacionados ao espaço geográfico de abrangência da clientela do campo, explorando as relações entre o número de crianças matriculadas na escola e os principais aspectos socioeconômicos da época. É preciso levar em consideração que as análises foram realizadas por aproximação tendo em vista que os dados apresentados como matrículas, não contabilizam eventuais evasões, transferências ou outras movimentações de alunos não especificadas.

Assim, com base na revisão de literatura, na análise e cruzamento das informações e conhecimento empírico adquirido, foi possível inferir acerca da realidade da Educação do Campo em Arroio dos Ratos. Com isso, o pesquisador poderá propor ações estratégicas de enfrentamento da crise nas escolas rurais de Arroio dos Ratos, contribuindo com a comunidade escolar com o registro de sua história, e proposta de um plano de ação mais adequada às

demandas da clientela, dependendo do nível de organização da população rural e seu poder de negociação com os gestores locais.

A estrutura do trabalho foi simplificada em três capítulos, além da introdução e considerações finais, buscando oferecer um amplo panorama histórico no qual estiveram inseridas as construções e desconstruções da escola Candinha Saraiva. O primeiro capítulo apresenta a revisão bibliográfica da literatura sobre a educação do campo no Brasil, dos conceitos e interfaces do rural e urbano no Brasil a partir do contexto econômico globalizado e sua influência sobre a educação do campo no país.

No segundo capítulo apresentamos uma síntese da história de Arroio dos Ratos com enfoque para o movimento emancipacionista relacionando a história da educação em Arroio dos Ratos, as condições socioeconômicas do município e o discurso de fechamento da escola. O terceiro capítulo realiza o cruzamento dos dados coletados pela pesquisa com uma análise em profundidade das entrevistas realizadas com pessoas da comunidade que atuaram no passado e atuam no presente da escola Candinha Saraiva.

## 1. **As interfaces rural urbano no Brasil e a Educação do campo**

O desafio nesta seção é contextualizar a educação do campo no Brasil, a partir de 1950, como recurso para a compreensão dos fatos que deram origem a esta pesquisa.

No Brasil especificamente, o processo histórico da educação remonta às bases da política agrária e fundiária, que fundam as bases das relações de trabalho no país.

Wagner (2010) relata que partir de meados da década de 60 o processo de modernização da agricultura introduziu no campo a noção de rural associado a atraso, pobreza, o saber tradicional foi desqualificado em favor da adoção de novas tecnologias, para as quais foram adotadas técnicas de comunicação por meio do difusionismo, realizada por mediadores sociais, os técnicos agrícolas. Estes profissionais se tornaram responsáveis pela substituição dos sistemas tradicionais de agricultura, por novos modelos de produção baseado nos moldes da Revolução Verde. Em termos sociais, na esteira do cientificismo modernizante ocorrem contínuos processos de rupturas com os modos de reprodução tradicionais. Conforme Melo e Mielitz (2009) enormes contingentes de trabalhadores rurais ficaram à margem desse processo devido à perda de autonomia sobre seus tradicionais modos de reprodução social, além de um significativo aumento no nível de exploração do trabalho no campo.

Segundo Wanderley (2001) a imagem da modernidade é a imagem das cidades, dos grandes centros urbanos com suas oportunidades de emprego, acesso a informação e às técnicas modernas de produção. A noção de uma vida melhor tem um *locus* na cidade. Veiga (2003) esclarece que o conceito de cidade que ainda persiste surgiu no Estado Novo que *estabeleceu as regras de divisão territorial que permanecem em vigor*. Neste sentido toda sede de município, independente de suas características estruturais e funcionais é considerado espaço urbano. O autor define como anacrônico o cálculo de “grau de urbanização”, considerando que pequenos municípios com densidade menor de 40 hab/km<sup>2</sup> podem apresentar “taxa de urbanização” superior a 90%.

Para o IBGE, a classificação oficial é que toda sede municipal é urbana, e rural o espaço em torno desta, de população esparsa. Neste sentido Marques (2002) observa que essa distinção ente os espaços torna rural tudo o que não é urbano, então rural é percebido a partir de suas carências, por aquilo que *não é*, e não por suas próprias características. Conforme Abramovay (1999) essa forma de percepção subestima a população rural, pois os critérios para esta definição são meramente administrativos.

Esta é uma realidade que aos poucos vem mudando por conta de uma série de transformações promovidas pelos movimentos sociais que tiveram início nos anos 60 por conta do aprofundamento da crise estrutural no setor agrário brasileiro.

Segundo Ribeiro (2008) os movimentos sociais rurais surgiram na esteira dessa crise a partir das lutas dos trabalhadores rurais pelo direito ao trabalho no campo e pelo direito a terra, cuja principal reivindicação era a reforma agrária. A intensa reação das elites conservadoras culminaram no golpe militar de 1964 que reprimiu violentamente os movimentos sindicais de trabalhadores rurais. Abramovay (1999) afirma que cerca de 27 milhões de pessoas abandonaram o campo entre 1960 e 1980 configurando um dos maiores movimentos migratórios de dimensões continentais das populações rurais atingidas. O autor define como *desruralização* o processo de saída do meio rural para condições subumanas de sobrevivência, não necessariamente nas cidades. Além disso, segundo o autor, a redução da importância da população rural ocasionada pelos movimentos migratórios também foi agravada pela queda das taxas de fecundidade no meio rural, diminuindo o ritmo de crescimento da população. O autor refere também que entre as décadas de 50 a 90 o fenômeno do êxodo de jovens do campo apontava que cada vez mais cedo estes jovens abandonavam o campo. No sul o êxodo rural ocorre de maneira muito rápida, durante os anos 70 expulsando do campo cerca de 45% da população rural. Além disso a constante divisão das terras entre os filhos, geralmente de famílias muito numerosas, diminuía a expectativa de permanecer na atividade agrícola como seus pais.

Outro fenômeno apontado por Abramovay (1999) é o êxodo de mulheres, que cada vez mais jovens, abandonam o campo em busca de trabalho vinculado à expansão do setor de serviços. Além disso as mulheres, deixam o campo em busca de maiores níveis de escolaridade como passaporte para condições mais autônomas de vida.

Nesse contexto os movimentos sociais do campo se organizaram e se institucionalizaram, conforme Ricci (2005) alinhando suas *experiências inovadoras* às Políticas Públicas de Estado.

É no campo da educação que estas experiências inovadoras propõem o enfrentamento das profundas mudanças provocadas pelas transformações do cenário econômico, advindas do aparato tecnológico no contexto deste século XXI, conhecido como globalização. O modelo neo liberal de gestão das escolas no Brasil tem suas raízes nas políticas públicas do final da década de noventa, que acoplado à revolução tecnológico informacional, reduziu o papel social do Estado inclusive no campo da educação, cuja forma de organização enquanto classe trabalhadora perdeu força política e social dentro deste contexto. Globalização segundo, Lacombe e Heilborn (2003) é um fenômeno em movimento histórico-social que se acelera e

aprofunda através da troca de bens e serviços entre as pessoas e pelo trânsito de fatores de produção (como a mão de obra) entre fronteiras internacionais. Castels (1999) define o processo de globalização como *a interação entre os mercados, governos e instituições financeiras com ênfase na internacionalização da produção*. O processo de globalização trouxe profundas mudanças às práticas administrativas das escolas, que foram relativizadas como empresas, carregando em sua essência as relações de interdependência da organização com o ambiente externo e as novas tecnologias da informação.

Historicamente a educação tanto rural quanto urbana tem sido destinada às classes mais privilegiadas da sociedade.

Segundo o Caderno de Subsídios de Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo:

“...embora o Brasil fosse um país de origem e predominância eminentemente agrária, a educação do campo não foi sequer mencionada nos textos constitucionais até 1897, evidenciando o descaso dos dirigentes e as matrizes culturais centradas no trabalho escravo e nos modelos de cultura letrada europeia.”(BRASIL, 2004 p.7).

Este subsídio foi criado como instrumento de ampliação das discussões sobre educação do campo em 2003, no Seminário Nacional de Educação do Campo articulando *sujeitos públicos e sociais envolvidos na concepção, elaboração e na própria execução das políticas públicas para as populações do campo*.

O Caderno informa ainda que historicamente no Brasil, não houve para o sistema de educação no meio rural nem diretrizes políticas, nem dotações financeiras, aliás a educação nem sequer era mencionada nas constituições de 1824 e a de 1891. A educação rural só ganha visibilidade na Constituição Federal de 1934 relacionada às questões de trabalho e terra.

Ampliadas as discussões sobre as novas relações entre as instituições e a sociedade, instituições sociais como a escola têm passado por profundas mudanças, tais como a forma de gestão em parceria com organismos da sociedade civil, as formas de aquisição do conhecimento dentro do campo da Educação.

A reestruturação da arquitetura político institucional em razão dos ajustes da economia capitalista trouxe a necessidade de estabelecer parcerias com organismos da sociedade civil, e conseqüentemente a valorização dos movimentos sociais do campo, cujas

conquistas em educação estão expressas nos avanços significativos apresentados na LDB 9393/96.

Comparadas, a LDB 9394/96 apresenta alguns avanços em relação à LDB 5692/71, no que concernem as especificidades das zonas rurais, pois devem atender as necessidades do estudante observadas as peculiaridades de cada região; possibilidade de organização em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados com base na idade, na competência e entre outros critérios; flexibilização do calendário escolar adequado às necessidades locais de seus frequentadores, desde que cumpridas uma carga mínima de 800 horas, distribuídas por no mínimo 200 dias letivos. A avaliação contínua e progressiva dentro de uma frequência mínima de 75% das aulas. Conquistas dos movimentos sociais do campo durante décadas, que esbarram no esvaziamento das escolas do campo, carentes de políticas públicas voltadas à superação da dicotomia urbano-rural.

É especialmente na primeira década do século XXI, que os movimentos sociais do campo refletem suas demandas e retomam as discussões sobre o papel da escola rural, emergindo diferentes acepções para o conceito de Educação do Campo e Educação Rural.

Em 1997 foi realizado o I ENERA (1º Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária) onde foi gestada a Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, que ocorreu em Luziânia, Goiás, em julho de 1998 promovida e coordenada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Universidade de Brasília (UnB), United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e United Nations Children's Fund (UNICEF) reunindo atores direta ou indiretamente ligados às práticas e políticas direcionadas à Educação do Campo. Os trâmites preparatórios desta conferência deram origem à articulação nacional *Por uma Educação do Campo* que reuniu em Seminário no ano de 2002 representantes dos principais movimentos sociais do campo, das esferas públicas e privadas comprometidas com a implantação de políticas públicas para as escolas do campo, que ficou conhecida como Declaração 2002. Propostas como a formação e valorização dos educadores do campo, ampliação dos projetos de Educação de Jovens e Adultos do Campo, realização de concursos públicos, construção, manutenção e investimentos em infra estrutura, materiais pedagógicos, livros e recursos de multimídia, políticas de financiamento para todos os níveis e modalidades de Educação do Campo e divulgação das “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” constituem a Declaração 2002 com objetivo de

afirmação da identidade construída na trajetória de lutas pelo direito a educação do campo. (CALDART,2002).

Assim, conforme a autora integram-se na agenda educacional nacional ações e políticas públicas voltadas às necessidades dos povos do campo partindo da premissa de que a Educação do Campo deve ser um instrumento para o desenvolvimento dos homens e mulheres do campo, vinculados positivamente à sua história e identidades sociais.

## 2. Arroio dos Ratos: a educação do campo a caminho da cidade.

### 2.1. Contexto histórico de Arroio dos Ratos

Considerada a era das máquinas, das mudanças nas relações de produção e trabalho a revolução industrial iniciada no século XVIII modificou profundamente a configuração do mundo do trabalho e estendeu-se pelo século XIX revelando todo seu poder de impacto social. Conforme Melo e Mielitz (2009) analisando o pensamento de Gilberto Paim, ao final do século XIX a revolução industrial no Brasil impulsionou o desenvolvimento das cidades, apoiada na liberação da força de trabalho proveniente do campo. A urbanização, conforme os autores *como fenômeno externo ao agrário* tornou-se sinônimo de progresso estava na base da criação de um mercado interno e de uma estrutura agrária subordinados à indústria especializada.

A partir de 1870 a aceleração do aumento de produção supera o antigo capitalismo Liberal para o moderno capitalismo dos monopólios industriais. A história de Arroio dos Ratos contada pelo Cônego Ervino Lothar Sulzbach, no livro “Arroio dos Ratos – berço da Indústria Carbonífera Nacional” (1985) remete a este contexto de aceleração do processo de urbanização, e constituiu a principal fonte de dados históricos do município.

Sulzbach (1989) relata que atividade de extração de carvão mineral fundou a comunidade de Arroio dos Ratos fornecendo as bases econômicas e sociais para esta sociedade. O inglês James Johnson à frente da “The Imperial Brazilian Collieries C. Limited” obteve do Governo Imperial em 1872 o privilégio de iniciar a exploração de carvão mineral no Brasil, na região que ficou conhecida como Arroio dos Ratos, nome dado pelas águas do arroio que abastecem a região. Aos descendentes das primeiras doze famílias inglesas que povoaram a região ainda no final do século XIX, juntaram-se no decorrer das duas Grandes Guerras diversas outras etnias: espanhóis, italianos, alemães, portugueses, poloneses, russos e austríacos. A Companhia Mineradora evoluiu juntamente com a atividade extrativista de carvão, tornando-se além de proprietária da terra, benfeitora de todos os aspectos sociais relativos à comunidade. Os traços de uma sociedade forjada pelas relações de subserviência à Companhia, à Coroa, e por extensão ao imperialismo inglês, permaneceram, portanto na cultura da população.



Segundo Fritz Filho (1999), as localidades de Curral Alto e Faxinal, dedicadas à criação de gado em grandes fazendas, originaram o atual município de Arroio dos Ratos. A atividade pecuária se estendeu até meados do século XIX como base da economia e da estrutura fundiária na região, voltada para a exportação do charque. Foi na localidade do Faxinal que em 1853 foi descoberta a primeira jazida de carvão. Para o autor, o predomínio do sistema extrativista representado pela indústria carbonífera em Arroio dos Ratos sustentou-se na pecuária bovina e na produção agrícola familiar que supria o comércio local com seus produtos.

De fato, ainda conforme o autor ao final da década de 1950, com o fim da mineração, um retorno às tradicionais atividades agrícolas da região trouxeram um significativo incremento de áreas cultivadas por pequenos proprietários com lavouras de trigo e arroz, além da introdução do cultivo comercial de melancia que alavancou a economia local a partir da década de 1960, abastecendo o mercado interno nacional, e mais tarde com a introdução do cultivo de exóticas a partir da década de 1970.

Sulzbach (1985) afirma que o declínio e o fim das atividades de mineração em Arroio dos Ratos a partir de 1956 deixaram para trás um grande contingente de desempregados, famílias de prole numerosa e uma legião de analfabetos, “órfãos” da Companhia, mas, sobretudo desprovidos das referências dadas pelo universo do trabalho nas minas de carvão. Refere ainda que foi a mão de obra barata, analfabeta e totalmente dependente da estrutura da Companhia que exerceu desde as primeiras atividades extrativistas das florestas nativas para construção de casas e dormentes para a construção dos trilhos de trem, até a implantação do precário comércio local, passando pela construção de moradias, assistência à saúde, educação, fundação de clubes esportivos e de lazer, centros de recreação e sindicatos, tudo subsidiado pela Companhia e administrado por figuras ligadas ao seu alto escalão, porém sustentado pela comunidade de trabalhadores das minas de carvão.

“Até então, como já referimos, todos os terrenos e todas as casas aqui existentes eram de propriedade da Companhia extratora do carvão. Assim sendo, pouco interesse havia, por parte de seus usuários, de melhorar as condições das moradias e de suas adjacências. Havia muitas cercas de maricás, de tunas e de taquaras, dando um aspecto tétrico à cidade. As ruas estavam entregues ao abandono, sem nenhum calçamento e sem esgoto. Iluminação pública era desconhecida. Pontas de gado perambulavam, dia e noite pelas ruas, invadindo hortas e jardins e deixando atrás de si as “flores” de sua excreção. Praça não havia uma sequer. Nenhum local de lazer e passatempo a não ser a sede dos diversos clubes e sociedades.” (SULZBACH, p 105, 1989)

Em 1961 o município de São Jerônimo assumiu os serviços essenciais de abastecimento de água, luz e telefonia no então distrito de Arroio dos Ratos, permanecendo a

educação ginásial e de segundo grau acessível apenas àqueles que pudessem se deslocar para São Jerônimo (dados da pesquisa).

Conforme relata Ribeiro (2008), a herança dos movimentos sindicais assistencialistas da década de 1930, desembocaram nos movimentos sindicais rurais da década de 1960. Para Gehlen e Mocelin (2009), o movimento social serve tanto para mudar quanto para conservar aspectos sociais mais amplos. Cabe ressaltar que o movimento social no sentido emancipacionista de Arroio dos Ratos, apesar de assumir viés transformador da condição de dependência da população, estava inserido no contexto das políticas populistas e desenvolvimentistas do Estado pelos quais o movimento se alinhava, obedecendo certamente a uma lógica conservadora em defesa do *status quo* da elite agrária local, representados pela Igreja na atuação política do Cônego Lothar, e pela tradição latifundiária de alguns dos mais eminentes políticos locais.

O contexto sócio econômico de Arroio dos Ratos neste período apresentava uma economia rural desarticulada atrelada a uma estrutura fundiária dependente de grandes extensões de terra há séculos dedicada ao extrativismo e à pecuária. Foi neste cenário de abandono social que uma intensa articulação política em torno da emancipação de Arroio dos Ratos se desdobra em um movimento social daqueles que ficaram à própria sorte.

O ano de 1964 representa um ponto de inflexão na história de Arroio dos Ratos, em que pese a convergência aos interesses do Estado em alavancar a modernização do campo e o processo de urbanização através do apoio à emancipação do município. Melo e Mielitz (2009) ao analisar o pensamento de Inácio Rangel, revela a concepção de atraso associado às práticas agrícolas pré capitalistas, devido ao pouco uso de tecnologias, razão pela qual tudo o que vinha do campo era associado a condição de inferioridade, de miséria, de pobreza. Persiste ainda implícita no discurso de alguns professores e gestores, a noção de atraso associado à escola do campo em Arroio dos Ratos, para os quais o conhecimento gerado nestas salas de turmas multisseriadas não dá conta do mundo do trabalho na cidade.

Tal como registrado por Sulzbach (1985) uma coalizão de partidos, organizou-se em 1964 em favor da emancipação de Arroio dos Ratos da comarca de São Jerônimo. O próprio autor foi um dos atores diretamente empenhados no êxito da campanha e principal articulador do pensamento conservador que se impunha às discussões sobre reforma agrária na época.

Segundo o autor, o movimento inseria-se em um esforço de urbanização do município e pela reestruturação sócio econômica de Arroio dos Ratos, para o qual contou com amplo apoio financeiro do governo do Estado para a aquisição de terrenos e casas da Companhia

destinados à moradia de parte da população urbana, construção do hospital, escolas e demais estruturas da administração municipal.

Parte deste esforço foi direcionado ao recrutamento de professoras identificadas com suas localidades de origem para atuarem nas escolas rurais, geralmente moças de pequenas famílias de agricultores às quais era dada a chance de “melhorar de vida” vindo para a cidade estudar para depois lecionar nas escolas do campo (dados da pesquisa).

## **2.2. A educação em Arroio dos Ratos**

A história da educação em Arroio dos Ratos está, portanto, vinculada diretamente às atividades e iniciativas da companhia mineradora.

“Na era da mineração em Arroio dos Ratos, tudo se desenvolvia em torno dela e para ela convergia. O preparo dos jovens para o futuro não fugia à esta destinação.”(SULZBACH,1985 p.113)

No capítulo dedicado à educação em Arroio dos Ratos, Sulzbach (1985) faz referência às escolas estaduais instaladas nas adjacências do poço de mineração D.<sup>a</sup> Isabel desde 1911. Em 1930, a construção do grupo escolar João Pessoa, em cujo prédio se instala atualmente a secretaria de educação do município. Em 1943, a inauguração do Grupo escolar Couto de Magalhães, e em 1968 a escola Lygia Gonçalves Motta, na Vila Doze, todos construídos com subsídios do CADEM. Destaca ainda a criação da escola do Serviço Nacional de Indústria (SENAI), da qual não há informação sobre os registros da construção do prédio ou do período de funcionamento, restando apenas o patrimônio arquitetônico deixado pela companhia, onde atualmente é sediada a prefeitura do município.

O autor credita à cultura do minerador, forjada nas agruras do trabalho de subsolo, certo desinteresse pela escolarização dos filhos:

“Não poucos, por desleixo ou ignorância dos pais, jamais foram encaminhados para uma escola, criando-se no analfabetismo, já então vastamente alastrado entre a população.” (SULZBACH,1985 p.113)

Reconhece no entanto que a oferta de educação esgotava-se na quarta série, permanecendo assim até 1963, mencionando abreviadamente a rede municipal, que neste período, somavam oito escolas somente no campo (ANEXO 9). A continuidade no curso

ginasial era opção reservada a poucas famílias da elite local, e inacessível à maioria dos filhos dos trabalhadores nas minas de carvão. Para estes, desde cedo se impunha a necessidade de trabalhar para ajudar a manutenção da família. No livro *Perfil de um minerador*, Sulzbach (1989) relata o trabalho de adolescentes entre doze e quinze anos no subsolo preparando as “*bananas*” de dinamite, ou ainda como “*porteiros*” nas entradas das galerias. Motivo pelo qual muitas famílias de mineradores excluíam seus filhos da escola. O que manteve altos os índices de analfabetismo por várias gerações. Conforme o autor, era comum entre as famílias de mineradores, inclusive opor-se à escolarização dos filhos devido às duras condições da natureza do trabalho e às baixas expectativas com relação à mobilidade social. Para Sulzbach (1989) *estes trabalhadores pouco se importavam com a escolaridade dos filhos permitindo que permanecessem num analfabetismo total* (SULZBACH, 1989 p 81).

Dados da pesquisa, no entanto revelam que o mesmo não ocorria no campo, onde os filhos dos agricultores frequentavam a escola enfrentando as condições mais adversas, desde as longas distâncias percorridas a pé até as adversidades do clima como o frio e a chuva intensos, o gado bravo no campo, as taipas em período de cheia, e tudo o mais, com o único propósito de melhorar de vida. Portanto a expectativa de mobilidade social entre os filhos dos agricultores passava pelo universo da escola do campo, para as quais, durante décadas, as políticas de estado e do município, só ofereciam até a quarta série.

Em 1968, quando tiveram início as atividades da escola Candinha Saraiva, Arroio dos Ratos já havia oito escolas rurais em funcionamento (anexo 9). Dentre as quais a Escola Isolada Eptácio Pessoa no Passo do Feliciano (Passo da Barca), destinada ao ensino de primeiro a quarto ano, tendo sido construída na propriedade da família de Francelina Melo, e manteve-se sob esta designação até a promulgação da lei 228/77 (anexo) que passou à municipalidade de Arroio dos Ratos o conjunto de escolas urbanas e rurais que compunham a rede escolar do município que ficou assim configurada:

Conforme a lei 228/77 criada pela Câmara Municipal e sancionada pelo então Prefeito Hélio Chagasteles, a rede municipal de ensino era composta por escolas urbanas e rurais:

#### **Escolas Urbanas:**

- Escola Padrão Osvaldo Cruz
- Escola Miguel Couto
- Escola Santa Rita de Cássia
- Escola Anita Garibaldi
- Escola Presidente Getúlio Vargas

**Escolas Rurais:**

- Escola Duque de Caxias
- Escola Barão do Rio Branco
- Escola Presidente Castelo Branco
- Escola James Johnson
- Escola Assis Brasil
- Escola Dona Morena
- Escola Professora Candinha Saraiva (antiga Escola Isolada      Epitácio Pessoa)
- Escola Presidente Costa e Silva

Após alguns anos de funcionamento esta unidade de ensino foi desativada, restando apenas o registro oral do nome Candinha Saraiva.

Assim, é no contexto de reestruturação social e econômica que surge a escola Professora Candinha de Araújo Saraiva que funcionou em uma peça de uma casa abandonada, na propriedade da Fazenda San Martin em 1968 por iniciativa dos proprietários da fazenda e pela demanda das famílias das cercanias da fazenda. A escola permaneceu ativa durante oito anos, tendo sido desativada em 1976 (dados da pesquisa).

A escola Epitácio Pessoa em funcionamento desde 1953 no Passo do Feliciano (atual Passo da Barca) era vinculada ao município de São Jerônimo (dados da pesquisa). Iniciou seu funcionamento em um balcão de armazém, e entre muitos recomeços, em 1961 recebeu um prédio em madeira com melhor infraestrutura, a “*Brizoleta*”. Segundo Quadros (2005), a partir de 1959, o então eleito Governador do Estado Leonel de Moura Brizola passou a concretizar seu lema de campanha *Nenhuma Criança Sem Escola*, que tornou programa de governo com metas de investimento em educação rural e objetivo de escolarizar a totalidade da população com idade entre sete a quatorze anos, com o propósito de erradicar o analfabetismo no Rio Grande do Sul.

Podemos inferir, portanto que as relações sociais pautadas pela dependência política e social, ora do CADEM, ora do município de São Jerônimo ora do Estado, mantiveram a população de Arroio dos Ratos por várias gerações com um nível mínimo de escolaridade entre os trabalhadores das minas de carvão. No campo, a realidade não era diferente,

entretanto muitas vezes a iniciativa de educar e construir escolas começava entre as próprias famílias dos agricultores.

Atualmente ainda estão em funcionamento as escolas James Johnson, na localidade do Faxinal e Candinha Saraiva na estrada Dona Laura, próxima ao distrito industrial de Arroio dos Ratos.

### **2.3 O campo em movimento: o discurso de fechamento da Escola Municipal Candinha Saraiva**

Atualmente Arroio dos Ratos apresenta os seguintes dados conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE):

#### ARROIO DOS RATOS - SENSO IBGE 2010:

- POPULAÇÃO TOTAL 2000: 13.335
- ÁREA TOTAL: 425,9 Km<sup>2</sup>
- POPULAÇÃO TOTAL 2010: 13.608
- DENSIDADE DEMOGRÁFICA: 31,9 hab/Km<sup>2</sup>
- TAXA DE CRESCIMENTO: 0,49
- TOTAL DE HOMENS: 6.636 (48.77%)
- TOTAL DE MULHERES: 6.972 (51.23%)
- TOTAL DA POPULAÇÃO URBANA: 12.958 (95.22%)
- TOTAL DA POPULAÇÃO RURAL: 650 (4.78%)

Atualmente boa parte da economia do município está baseada na agroindústria de base florestal, que apesar de apresentar bom nível de integração entre os segmentos comerciais, industriais e financeiros, mantém o pequeno produtor atrelado a condições injustas de trabalho que mantém o modo de reprodução capitalista. Porém houve um significativo aumento das atividades não agrícolas, porém ligadas a economia de bens e serviços. Uma nova forma de organização surgindo no município, lugares de atividades agrícolas combinadas às não agrícolas, que vai mudando a concepção de rural.

Muitos prestadores de serviços autônomos, profissionais liberais e consumidores destes serviços são jovens na faixa etária entre 16 a 25 anos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo de 2010 a pirâmide etária do município apresentou decréscimo da população de idosos, e um significativo crescimento da população jovem contrapondo-se ao senso comum corrente no município de que Arroio dos Ratos é uma cidade dormitório, própria para aposentados. Na base da pirâmide as maiores faixas etárias são de crianças e jovens até 19 anos, e as no topo da pirâmide as menores faixas etárias a de idosos acima de 50 anos. Conforme entrevista com o Secretário de Educação do município a rede de ensino municipal está enfrentando superlotação das escolas de ensino fundamental.

Dados da pesquisa revelaram que as escolas urbanas da rede municipal de ensino estão superlotadas, sendo necessária a ampliação das escolas, construção de novas salas de aula, e construção de novos prédios com infraestrutura adequada para o suporte de novas tecnologias da informação.

Com a precarização da infra estrutura do prédio de madeira um novo prédio em alvenaria foi construído em 1994, porém mais próximo à BR 290 (cerca de 3km do núcleo urbano da cidade) onde está até hoje. A designação da escola foi alterada novamente através da Resolução do Conselho Estadual de Educação de nº 253/2000 de 19 de janeiro de 2000 para Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Candinha Saraiva, atual designação da escola com uma capacidade para atender cerca de cem alunos em dois turnos. O novo prédio da escola Candinha Saraiva fica a 2,2 Km do acesso pela BR 290, por uma estrada de terra em boas condições de trafegabilidade, na estrada Dona Laura. O prédio se avizinha com um antigo morador da família Pinhatti, que observa a movimentação no entorno quando não há atividade na escola. Atrás dessa residência, aos fundos da escola, observamos plantações de eucaliptos, três grandes galpões de madeira para depósito de toras de madeira de reflorestamento, um curral, cavalo de propriedade do vizinho à beira da cerca que divide os terrenos da escola e da casa, grande extensão de campo com gado, ao fundo e ao longe da paisagem, no alto das ondulações das coxilhas, dois grandes silos de armazenamento de grãos.

A escola hoje, com melhor infraestrutura assim se apresenta:



Figura 1: escola Candinha Saraiva hoje.

A infraestrutura da escola atualmente conta com as seguintes dependências:

- Cozinha
- Laboratório de informática (sem internet)
- Biblioteca
- Sala dos professores
- Sala de jogos (sala da educação infantil que foi desativada recentemente)
- Sala de manutenção
- Sala de vídeo/leitura
- Sala de reforço/apoio
- Duas salas de aula (turmas multisseriadas)
- Secretaria/direção
- Sala de orientação educacional
- Dois banheiros (um deles adaptado para a educação infantil)

No exterior do prédio da escola, dentro do perímetro da escola há uma pracinha com brinquedos para as crianças, onde as crianças usufruem os intervalos e as atividades lúdicas da educação física.





Figura 2: brinquedos no pátio da escola

A estrutura da escola ainda guarda resquícios dos tempos mais difíceis em que não havia rede de água e esgoto:



Figura 3: poço artesiano e antigo depósito da escola.



Figura 4: paisagem no entorno da escola.

O discurso sobre a possibilidade de fechamento da escola Candinha Saraiva não foi uma surpresa para os pais, professores e alunos da escola, pois este é um assunto recorrente cada vez que o número de matrículas diminui o que vem acontecendo paulatinamente nos últimos anos. Entretanto, a concretização dos boatos em ações da administração que ordenou o fechamento da escola, surpreendeu tanto pais quanto professores:

Eliane é mãe de aluna da escola, mora no entorno da escola, é concursada pelo município e trabalha na escola prestando serviços gerais, e ainda é presidente do Círculo de Pais e Mestres da escola. É ela quem nos relata que o transporte que levava alunos da cidade para frequentar as aulas no Candinha foi retirado em 2009, restando na escola apenas os alunos que residem no campo:

“Desde 2000 pra cá já se falava em fechar a escola, se ouvia falar que iam fechar o Candinha, mas nada que preocupasse ninguém, mas entre 2009 e 2010 que foi chocante pra nós, porque quando eu vim trabalhar aqui nós tínhamos 44 crianças só da zona rural, e aí foi diminuindo, como é só até quarta série, eles vão indo pra Ratos depois.”

O que acabou expondo a drástica diminuição do quadro de alunos da escola, pois o ano letivo de 2011 começou com apenas nove alunos matriculados, todos residentes no campo, alguns distantes cerca de 12 km.

Muito diferente do período em que a escola gestou o projeto Acelera do Instituto Ayrton Senna. Foi entre 2003 e 2005, neste período a escola funcionou nos turnos da manhã e da tarde,

atendendo alunos das escolas urbanas com reforço das disciplinas e atividades pedagógicas variadas. O número de matrículas chegou a cem, e alguns alunos e seus pais que gostaram do trabalho da escola, solicitaram transferência para a escola Candinha Saraiva. A professora Vera Silveira relata:

“O projeto Acelera foi da secretaria de educação....eles fizeram um levantamento de todos os alunos que estavam em defasagem idade-série no município, e aí colocaram lá esse projeto de aceleração. Tinha dois tipos de atividade com a clientela, o Se Liga e o Acelera. O Se Liga eram alunos que não eram alfabetizados, e o Acelera para os de terceira, quarta e quinta que estavam alfabetizados mas não estavam letrados, liam mas não tinham entendimento do que liam. Eram selecionados por uma prova, quem não ia bem ia pro Se Liga, quem ia bem ia pro Acelera.”

O projeto *Acelera*, do Instituto Ayrton Sena, no entanto, teve como propósito a correção de fluxo do ensino fundamental, de caráter emergencial no combate à repetência escolar, que gera a distorção entre idade e a série que o aluno frequenta. O prazo para o cumprimento da meta de *aceleração* foi cumprido e o projeto encerrado em 2005. Durante a execução do projeto alunos alfabetizados, mas com histórico de repetência escolar, receberam reforço escolar de professores capacitados pela metodologia do programa.

Em Arroio dos Ratos atualmente não existe um consenso entre profissionais da educação e gestores sobre a controvérsia conceitual que suscitou o impasse: o Candinha é rural ou urbano? É urbano, pela sua localização tão próxima à BR 290 e à sede urbana do município. E também é rural, pois atende as crianças que moram nas propriedades rurais mais afastadas, e também pelas características de paisagem ao redor da escola.

Atualmente professores, alunos e gestores estão engajados no processo de resgate de uma gestão que possa equacionar a dicotomia urbano-rural que pauta as reuniões dos grupos de trabalho. Tentativa de reencontrar uma escola que possa fortalecer estes jovens oriundos do campo para a difícil tarefa de enfrentamento da lógica de acumulação que se estabeleceu neste século.

A atual infra estrutura em alvenaria e os carros estacionados ao longo da estrada, em frente à escola, em nada lembram as antigas escolas rurais das décadas de 50 e 60 construídas em madeira, isoladas nas vastidões dos campos onde a professora com formação ginásial ensinava a ler, escrever e fazer contas. No entanto, algumas crianças percorrem até oito quilômetros por estradas vicinais para chegar à escola, vindos de localidades distantes dentro do município, exatamente como há tempos atrás. O Candinha, como se referem os alunos, pais e professores à escola encontra-se hoje a 2,2 Km de distância da BR 290, o qual se percorre em menos de cinco minutos de carro, no limite entre o perímetro rural e urbano do município.

Em 2010 foram retirados os subsídios para o transporte de alunos da área urbana para a escola, o que gerou debates entre pais, professores e gestores da comunidade escolar em torno da possibilidade de fechamento da mesma, devido à redução do número de alunos, e conseqüentemente do quadro funcional. A escola permanece ativa, apesar do reduzido número de alunos oriundos do campo. Ao final do ano letivo de 2010, com a saída de alunos que concluíram o quinto ano, reduziu-se ainda mais o quadro de alunos, bem como o quadro funcional, restando apenas nove alunos oriundos da área rural, o que aumentou as perspectivas de fechamento da escola.

Conforme relato dos professores, os pais destes nove alunos chamaram à escola os gestores municipais para um colóquio sobre a situação desta escola, a qual compareceram o secretário de educação, pais e professores. Esta reunião aconteceu em dezembro de 2010, já nas últimas semanas do ano letivo, com forte teor de reivindicação e apelo aos direitos de cidadania destas nove famílias.

Se por um lado, pais alunos e profissionais da educação lutam pelo direito a uma unidade de educação próxima a comunidade rural, por outro lado, gestores deparam-se com a inviabilidade econômica de manutenção da infra estrutura sob elevados custos para um reduzido número de alunos devido à baixa densidade demográfica rural do município.

Como resultado das discussões, estabeleceu-se um acordo em favor da manutenção da escola, que teria seu quadro de professores reduzido e as turmas multisseriadas.

A escola reabriu o ano letivo de 2011, incluída no programa Escola Ativa do Ministério da Educação, oferecendo vagas aos alunos da área urbana, cujas escolas estão superlotadas. O programa Escola Ativa subsidia escolas rurais com materiais didáticos e pedagógicos para a formação continuada de professores e coordenadores, e também com cadernos didáticos para os alunos, específicos para o trabalho em turmas multisseriadas. Esta escola havia solicitado inclusão no programa em 2009, porém devido à transição da gestão municipal, e da própria transição de gestão do programa Escola Ativa, as atividades do programa só foram implantadas este ano, e encontra-se em pleno andamento. O programa Escola Ativa do Mec foi criado em 1996 e desenvolvido até 2007 pelo Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola), sob a responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, e em 2008 passou à gestão da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC).

### 3. Apresentação e análise dos dados.

#### 3.1 O início no Faxinal: 1968 a 1976

A primeira unidade da escola Candinha de Araújo Saraiva foi instalada na Fazenda San Martin, na Localidade do Faxinal, grande latifúndio da região que dominava a estrutura fundiária local. A iniciativa foi dos proprietários em parceria com os políticos responsáveis pelo movimento emancipacionista de Arroio dos Ratos. A primeira professora trabalhava na lavoura de subsistência da família quando foi contatada por pessoas ligadas à comissão de emancipação de Arroio dos Ratos. Quando começou a trabalhar tinha dezessete anos, havia concluído a quarta série e prestado exame de admissão por indicação da comitiva:

“Comecei a trabalhar com 17 anos, ia fazer 18 em agosto, com carteira assinada e tudo. Foi na época que ia emancipar o Arroio dos Ratos. Aí foi o falecido Naro, o Marino, a falecida Arminda, eles foram ver né, o que se achava de emancipar o município, e coisa... e nós trabalhava na lavoura. E eles quando iam pra lá, almoçavam na casa de um e de outro né...e quando nós chegamos da lavoura, ela (D. Arminda) ficou muito preocupada: *Essas rica moças trabalhando na lavoura, não pode*. Aí ela perguntou até que série nós tinha estudado, ora até a admissão, né, que naquela época era a quinta série. Aí ela anotou os nomes, e disse: Tu vai estudando que quando tu tiver idade eu vou te chamar. Nesse meio tempo eu fui trabalhar lá em Eldorado. Quando foi um belo dia eu recebi um chamado pra prestar o exame de admissão...fiz, passei né, e comecei a trabalhar.”

A forma de seleção de moça da comunidade para alfabetizar a população local, guardava semelhanças com os preceitos do Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (SEDEP) implantado pelo governo trabalhista de Brizola no início da década de 1960, como informa Quadros (2005) que previa a necessidade de recrutar professores da própria localidade, perfeitamente ajustados à realidade local.

Uma pequena propriedade agregada ao patrimônio da fazenda San Martin, cuja casa foi abandonada pela família de agricultores, serviu como sede da escola. O prédio em alvenaria, com diversos cômodos e piso de terra batida, teve uma das peças destinada à escola, para a qual recebeu um assoalho de madeira, um pequeno quadro negro e um fogão de barro, à lenha, para fazer a merenda.

Os primeiros alunos eram filhos de trabalhadores rurais da região, peões de grandes fazendas, e pequenos produtores familiares:

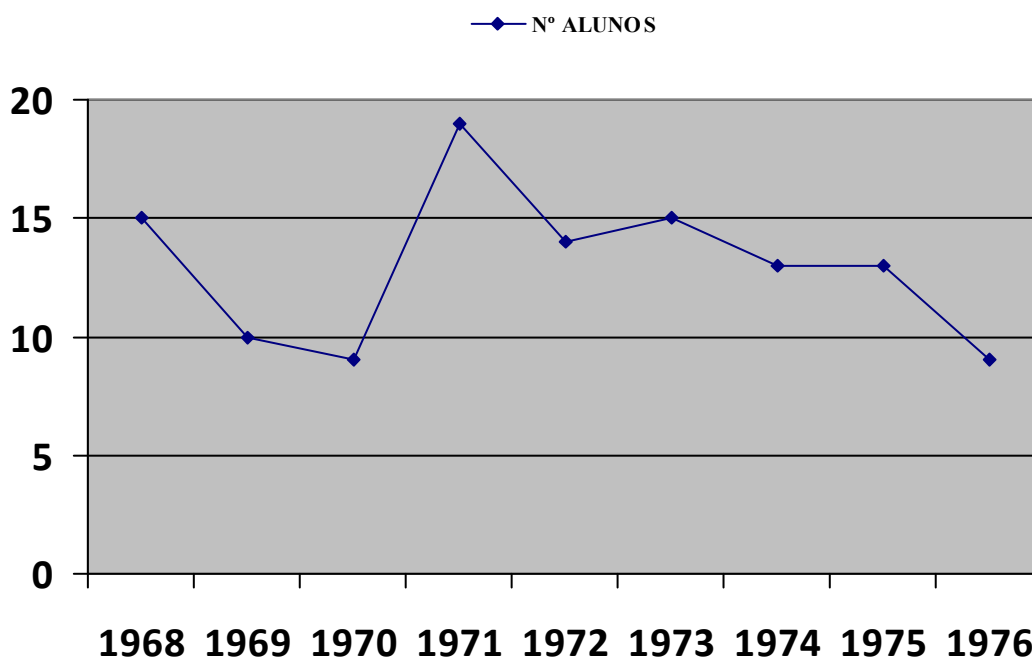
“Não vinha aluno só da San Martin, vinha de toda a volta, mas localizada ali mesmo ao redor, vinham de a cavalo, de a pé...As famílias trabalhavam nas lavouras. Uns trabalhavam com os fazendeiros....Tinha os filho ali, tinha filhos de trabalhadores e de proprietários ali. Eram chacrinhas, né. E trabalhavam de peão com um, com outro...então viviam assim. Produziam ...não tinham grandes coisas pra negócio, não. Criavam porco, criavam galinha, plantavam uma lavourinha, então viviam do que eles

colhiam ali. Os fazendeiros fortes mesmo que eram o Ricardo Silveira e o Ricardinho Machado, nesse eu parei na casa dele, pra lecionar. Nós morávamos no Faxinal, e eu parava na casa dele, na San Martin, por isso é que eu conheço bem todo mundo lá.”

A variação do número de matrículas durante a década de 1970 demonstra certa estabilidade até 1975, e drástica queda no decorrer de 1976, quando a escola foi desativada devido ao reduzido número de alunos, contabilizando nove alunos no ano de 1976. Entre 1968 e 1970 o decréscimo no número de matrículas é indicativo do início do processo de êxodo das famílias de trabalhadores rurais, durante a implantação de sistemas extensivos de cultivo de melancia e exóticas sucessivamente. Conforme Fritz Filho (1999) o fim da mineração em Arroio dos Ratos *engendrou a intensificação das atividades agrícolas*, a implantação de sistemas intensivos de cultivo de melancia, e no decorrer da década de 1970, a implantação de sistemas agroflorestais.

Segundo dados da pesquisa os registros de matrícula na unidade Candinha de Araújo Saraiva na fazenda San Martin são os seguintes:

<b>LOCALIDADE: FAZENDA SAN MARTIN</b>									
<b>DESIGNAÇÃO: ESCOLA CANDINHA SARAIVA</b>									
<b>PERÍODO: 1968 - 1976</b>									
<b>Nº ALUNOS/ANO</b>	<b>1968</b>	<b>1969</b>	<b>1970</b>	<b>1971</b>	<b>1972</b>	<b>1973</b>	<b>1974</b>	<b>1975</b>	<b>1976</b>
<b>1ª</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
<b>2ª</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>-</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>3ª</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>-</b>
<b>4ª</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>5ª</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>13</b>	<b>9</b>



Como se sabe o período é marcado por eventos ligados à ditadura militar que se instalou no poder em contraponto aos movimentos sociais de apoio à reforma agrária no Brasil, entretanto em nenhum ponto das entrevistas se faz alusão direta aos fatos políticos da época como se a escola estivesse descolada do contexto social e político mais geral. Muito jovem, sem preparo e com um mínimo de instrução, a professora aprendeu a planejar as aulas com a irmã mais velha que já lecionava há mais tempo. A professora refere com expressões vagas, mas contundentes que foi um período de intenso controle dos órgãos públicos, porém de escassez de condições de trabalho, um começo difícil:

“Os documentos do colégio, livro ata, livros de presença ficavam arquivados no colégio, e alguns boletins eram enviados para a prefeitura, pra secretaria né...sempre tinha muitos documentos, agora onde foram parar, eu não sei...Eu já convivia com a Marlene que dava aula há bem mais tempo né, então a gente mais ou menos já sabia mais ou menos como era, né...como planejar uma aula como que tinha que fazer, vivia sempre em cima daqueles cadernos, daqueles planejamento mais horrível né...do tempo do....tinha que fazer bonito no papel né, ao invés de preparar uma aula bem preparada pra criança tu perdia o teu tempo planejando aquelas aulas com aqueles objetivos...como é que tu ia passar aquilo pra a criança, usando do quê, lá? Se não era o quadro e mais nada!..”

“Ah Deus o livre... olha... o que a gente passou....”

O trabalho com turmas multisseriadas representava muitas dificuldades para a professora, que mais de uma vez refere a presença de adultos entre as crianças:

“Tinha adultos na turma, mulher que era mãe de filhos, a maior parte era adultos, mas as turmas pequenas. Mas o trabalho era o mesmo era pior ainda, porque tu trabalhar com alunos de uma série outros de outra, e outros de outra, tu ter um quadrinho só ali pra ti... pra tudo. No tempo das classes de dois, três lugares que os coitados tinham que virar o pescoço pra trás porque não tinha espaço no quadro pra passar pra todo mundo né. Um pouco tu ia ditando, porque não dava pra ditar muito, porque tu atrapalhava os outros.”

Os ciclos das estações e o trabalho nas lavouras determinava o trabalho da escola:

“No verão era de manhã a aula, mas no inverno tinha que passar pra de tarde, sempre um turno só, lá fora sempre tinha que trocar porque sempre tinha muita falta, não tinha condições de as crianças aguentar mal agasalhadas, né...tinha gente que tinha família grande...faltavam muito na época de capina e plantação.”

As lembranças do passado difícil, levaram à comparação com os dias de hoje, dos quais a professora tem a percepção da diferença em termos demográficos, em relação aos dias de hoje, percepção do êxodo do campo:

“Agora tem poucos pra lá, a maior parte tá pra cá, esvaziou muito aquilo lá...é só tapera, casas fechadas.”

Na secretaria de educação do município poucos documentos registram a passagem da professora pela escola; em um único boletim informativo, encontramos a sua assinatura, e não há referência de localização dos livros de atas, formulários de classe etc.

A escola era a única alternativa de escolarização para as crianças e para os adultos da localidade a qual frequentavam com muita dificuldade:

“Na época eu caminhava mais de uma hora atravessando o campo, acompanhada da Jurandir, bem mais velha que eu, ia comigo né... ela era minha aluna... ela não tinha concluído...Então ela era a minha companheira...atravessando o campo, gado brabo... tinha que tá cortando volta. Com chuva tinha as botas de borracha, e se tinha temporal parava de baixo de uma árvore e esperava passar.”

Ao final da década de 70 o projeto de modernização do campo executado pelo Estado havia excluído um grande contingente de trabalhadores da agricultura familiar, evidenciado pelo baixo número de matrículas no ano de 1976 que foi de nove alunos. A escola foi desativada por falta de alunos em 1976, mas a tradição do nome Candinha Saraiva reaparece no Passo do Feliciano (Passo da Barca), renomeando a Escola Epitácio Pessoa, cujo nome foi alterado para Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Candinha Saraiva.



### 3.2 Escola Epitácio Pessoa no Passo da Barca: 1953 a 1977

É impossível compreendermos a transição da escola Candinha Saraiva na década de 70 da Fazenda San Martin para o Passo da Barca sem voltarmos no tempo até a década de 50, em que a história da mineração em Arroio dos Ratos chegava ao fim, cedendo passagem a aceleração dos processos de urbanização e industrialização baseados na força de trabalho do homem do campo e da agricultura familiar (FONTOURA;VERDUM, 2009 p.34).

A escola Epitácio Pessoa foi inaugurada em 1953, para uma turma de alunos da professora Palmira Lindner Rodrigues, que lecionava na zona rural em Arroio dos Ratos, pelo município de São Jerônimo.

A professora Palmira após concluir a quinta série, cursou a escola técnica do Serviço Nacional da Indústria (SENAI), implantada pelo Consórcio Administrativo de Empresas de Mineração (CADEM), na qual obteve formação em técnicas administrativas, e mais tarde fez o curso Normal em São Jerônimo, dedicado à formação de moças para o magistério.

Esta professora começou a dar aulas no balcão do armazém de Dona Laura para um grupo pequeno de alunos. As crianças copiavam as lições de pé no balcão, e aos poucos os pais das crianças foram trazendo mesas e bancos para as atividades escolares. Não raro alfabetizavam-se aos doze, aos quatorze anos devido ao trabalho na lavoura e à falta de escola perto da propriedade.

As circunstâncias pessoais de vida de Dona Laura e da professora Palmira, levaram a escola para um galpão no terreno mesmo da Professora, na época recém casada. As condições de atendimento de um significativo grupo de alunos eram muito precárias. As necessidades fisiológicas eram resolvidas no mato, a merenda muitas vezes era feita na casa pela própria professora, o quadro muito pequeno mal dava conta dos conteúdos para turmas multisseriadas de até quarenta e cinco alunos.

“Comecei dando aulas num balcão de armazém, na D. Laura. Ficava perto da minha casa, no Passo da Barca. As crianças ficavam de pezinho, coitadinhas, para escrever no caderno. Era uma sala grande com um balcão.

Depois os pais começaram, um levava um banco, outro levava mesa, outro levava uma cadeira, emprestado né, e aí nós arrumamos, foi como a escola começou. Com os pais das crianças mesmo se organizando.

Depois a D. Laura perdeu o marido, ficou muito abatida, e eu passei a dar aulas num galpão de madeira que tinha no terreno onde eu morava. Eu falei com a D. Heloisa de São Jerônimo e ela deu o consentimento.”

Com a construção do prédio de madeira, próximo à moradia da professora a escola passou a denominação de Escola Epitácio Pessoa, onde a professora Palmira trabalhou por muitos anos, pelo município de São Jerônimo.

“Teve um ano que eu tive com quarenta e cinco alunos nesse galpão, aí a D. Heloísa chegou e disse: mas de jeito nenhum! Não dá! Como é que tu vai atender todas essas crianças, desse jeito? Não tinha condições, porque o quadrinho era uma coisinha, então tinha que passar no caderno pros menorzinhos, pros outros mais adiantados tinha que dar o diário pra eles copiarem, era aquela coisa, alunos de primeira a quinta série eu tinha.”

Com a precarização deste prédio na década de sessenta, um novo prédio foi construído, modelo *Brizoleta*, que constituía-se em uma sala de aula pequena e uma peça anexa para despensa de materiais.

“Durante muitos anos dei aulas numa precariedade muito grande, com um quadrinho muito pequeno, um número grande de alunos, foi só em sessenta e poucos que o Brizola fez a escolinha aquela...sessenta e dois, sessenta e três... não sei. Dei aulas uns quantos anos nessa que o Brizola fez...”

A água trazida de uma vertente próxima, vinha de carroça, acondicionada em latões para abastecimento das talhas de barro e só mais tarde foi canalizada e instalada uma caixa d'água nas dependências da escola.

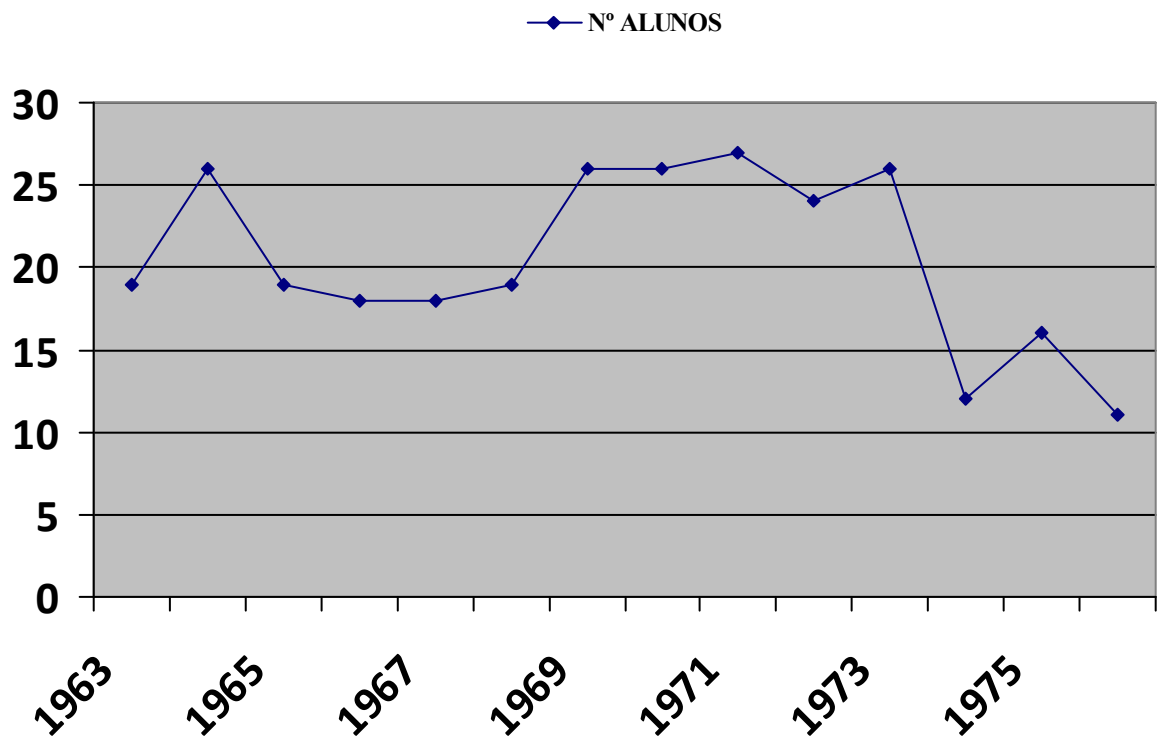
“Foram dez anos trabalhando na Epitácio Pessoa, depois o Brizola fez de madeira também, uma sala e uma cozinha. Levavam água da vertente dos Pinhatti, fizeram a caixa e levaram a água até a escola. Mas antes era um sacrifício, né.”

A família Pinhatti a que se refere a professora é uma das famílias de referência na produção e industrialização de arroz irrigado no Rio Grande do Sul durante as décadas de 60-70, protagonizando a implantação da agricultura capitalista com incentivos do Estado que vai transformando o cenário rural em Arroio dos Ratos rapidamente.

Os dados disponíveis na Secretaria de Educação de Arroio dos Ratos registram as matrículas de 1963 a 1976 conforme a tabela:

<b>LOCALIDADE: PASSO DO FELICIANO</b>				<b>PERÍODO: 1963 e 1976</b>					
<b>DESIGNAÇÃO: ESCOLA EPITÁCIO PESSOA:</b>									
<b>Nº ALUNOS/ANO</b>	<b>1963</b>	<b>1964</b>	<b>1965</b>	<b>1966</b>	<b>1967</b>	<b>1968</b>	<b>1969</b>	<b>1970</b>	<b>1971</b>
<b>1ª</b>	7	9	5	3	4	2	3	6	7
<b>2ª</b>	5	5	3	4	3	3	7	4	4
<b>3ª</b>	4	6	4	6	7	3	7	6	9
<b>4ª</b>	1	3	3	2	4	6	7	3	2
<b>5ª</b>	2	3	4	3	-	4	2	6	5
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>26</b>	<b>19</b>	<b>18</b>	<b>18</b>	<b>18</b>	<b>26</b>	<b>26</b>	<b>27</b>

<b>Nº ALUNOS/ANO</b>	<b>1972</b>	<b>1973</b>	<b>1974</b>	<b>1975</b>	<b>1976</b>
<b>1ª</b>	3	7	2	7	4
<b>2ª</b>	8	-	4	3	3
<b>3ª</b>	2	8	1	5	2
<b>4ª</b>	11	7	5	1	2
<b>5ª</b>	-	4	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>26</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>11</b>



A localidade do Passo da Barca onde foi construída a escola Eptácio Pessoa manteve intensa atividade econômica ligada à agricultura familiar, às atividades madeireiras que abasteciam a serraria, e também a atividades de extração de pedra para a construção de casas e moirões. Dos primeiros anos da escola a partir de 1953 só restaram os relatos das professoras mais antigas, pois boa parte da documentação foi perdida. Segundo os relatos da professora, era comum, no entanto alternarem-se os turnos conforme os ciclos das lavouras, bem como as estações do ano, respeitando-se os ritmos de produção dos cultivos tradicionais. As pequenas famílias de agricultores plantavam para a subsistência e mantinham pequena criação para consumo familiar, resistindo à situação de abandono social a que foi relegada a população com o fim das atividades de mineração.



Foto da escola Epitácio Pessoa em 1961.

Os registros encontrados a partir de 1963, no entanto demonstram certa estabilidade do número de matrículas por série, mantendo-se constante até por volta de 1973. A partir de 1974, entretanto, apresenta queda drástica, seguindo em declínio nos próximos anos até a mudança de denominação da escola.

Este período se caracterizou por evidente transição do modo de reprodução social dos moradores das cercanias desta escola. Como evidencia Fritz Filho (1999) nas décadas de 1970 e 1980 o grupo norueguês Borregaard S.A expandiu suas atividades no município com subsídios governamentais para a aquisições de lotes de terras realizadas para o plantio extensivo de árvores de reflorestamento. Grandes faixas de terras antes ocupadas por pequenas propriedades e seus cultivos tradicionais foram paulatinamente sendo substituídas por maciços florestais, deslocando as relações de trabalho da produção primária para outros setores da economia, como a prestação de serviço assalariado nas serrarias, na pedreira e como trabalhadores rurais temporários, acentuando-se o êxodo das famílias de agricultores que abandonam os cultivos tradicionais e seguem em busca de melhores condições de vida na cidade.

### 3.3 Escola Candinha Saraiva: entre o rural e o urbano: 1977 a 2011

Em 1977 a escola Epitácio Pessoa foi renomeada Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Professora Candinha Saraiva.

Atualmente uma das professoras mais antigas da escola Candinha é a professora Vera Silveira, que relatou fatos do período em que a escola ainda funcionava no prédio de madeira de modelo *Brizoleta*, no início da década de oitenta. As origens da professora estão no Rincão dos Américos, onde estudou na escola Castelo Branco.

Em 1981, com 18 anos cursava ainda o segundo ano do curso magistério quando surgiu a vaga de uma prima que trabalhava na escola Candinha, mas que iria casar e ir embora, indicando a prima para o seu lugar. Concedida a vaga pelo prefeito, começou a trabalhar na escola Candinha Saraiva, com uma turma multisseriada em um único turno:

“Os alunos eram da redondeza, não tinha transporte nenhum, então eram só crianças do cerro ali perto, não vinham crianças de longe, que agora tem que vem da Zumbi, da Mangueira de Pedra como tem hoje, era só da região ali. Tinha famílias lá do cerro que tinham cinco, seis filhos, por isso que a escola tinha mais alunos.”



Foto da escola Candinha Saraiva em 1981.

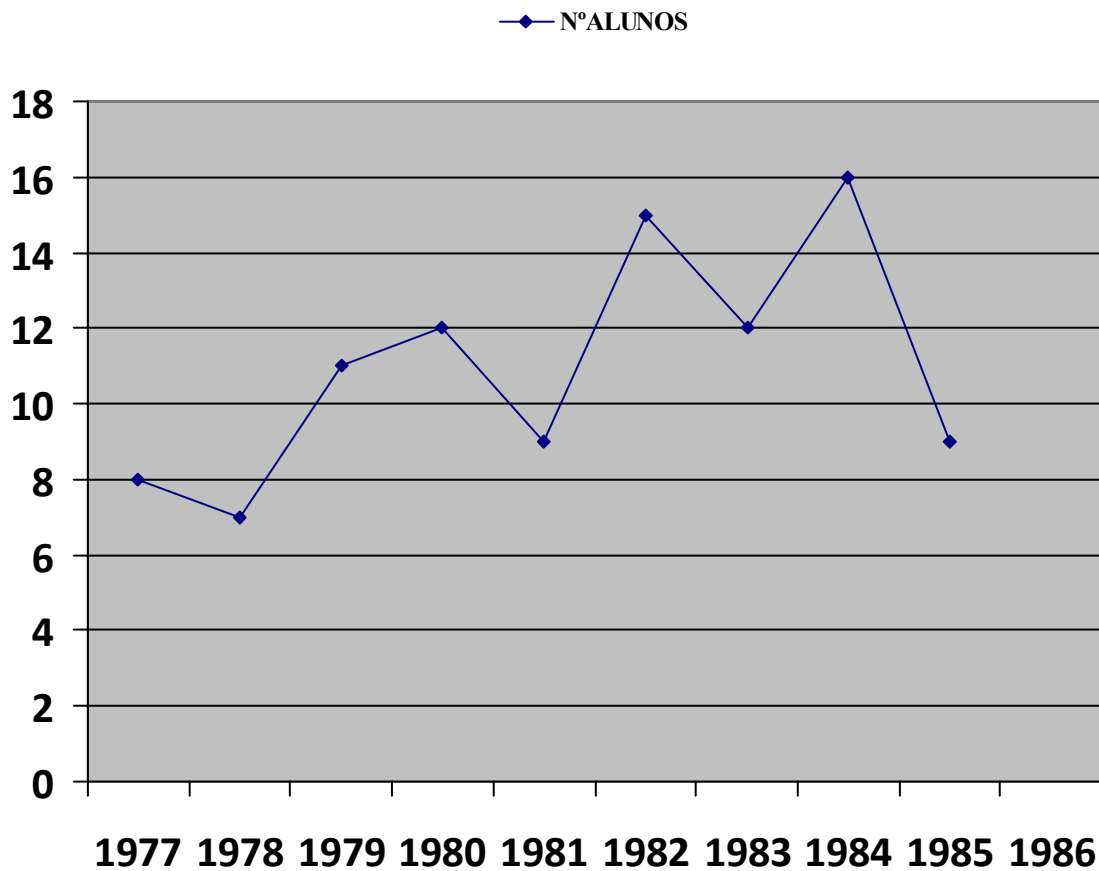
Com infraestrutura melhor que a antiga escola Epitácio Pessoa, a Escola Candinha Saraiva tinha uma *patente* nos fundos, uma merendeira para auxiliar nos serviços gerais e uma pequena peça anexa ao prédio para a despensa de materiais diversos. A água ainda era transportada em latões numa carroça, para abastecimento das talhas de barro, de onde as crianças bebiam e realizavam a higiene. As condições de trabalho continuavam as mesmas das antigas escolas isoladas, com um pequeno quadro dividindo os conteúdos por séries, e o recurso de emprestar o diário da professora para os mais velhos irem copiando o conteúdo enquanto a professora atendia os demais. Além disso a professora acumulava funções de direção, administração, secretaria, e disciplina da escola. Não raro ocorria de ter que fazer a merenda quando a merendeira estava impossibilitada de trabalhar.

Conforme relato da professora Vera, as crianças que frequentavam a escola neste período já pertenciam a famílias cujo modo de reprodução social era exclusivamente o trabalho assalariado:

“Os nossos mesmo na região, quando ainda era a escolinha de madeira, eram filhos de cortadores de pedra no cerro, lá em baixo tinha um que trabalhava na olaria do meu primo, outro era filho do patrão, e tinha esses do cerro que eram os mais pobrezinhos que eu achava, até pelo número de filhos desta família, eram muito numerosa, só o pai trabalhava fazendo pedra pra vender. Já não tinha trabalho na lavoura. Ali era a olaria que dava o ganha pão da maioria deles ali fora....na década de 90 trabalhavam com pedra, ou na olaria, e tinha aqueles que trabalhavam no centro....mas não era agricultura não....”

O longo período entre 1977 a 2011 foi tabulado em grupos de dez anos para simplificar a análise das curvas gráficas de total de matrículas por ano. O quadro a seguir traz os registros de matrículas por série e ano de 1977 a 1986:

LOCALIDADE: PASSO DA BARCA					PERÍODO:1977 a 1986					
DESIGNAÇÃO: ESCOLA CANDINHA SARAIVA										
Nº ALUNOS SÉRIE/ANO	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
1ª	1	1	7	5	6	1	4	2	7	4
2ª	2	1	1	2	3	5	3	5	1	3
3ª	3	2	2	2	2	3	5	2	5	-
4ª	2	3	1	2	1	-	3	3	3	2
5ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>9</b>	<b>15</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>9</b>



No decorrer das décadas 1980 e 1990 o Projeto de Nucleação das escolas rurais desativou e extinguiu oito escolas rurais em Arroio dos Ratos, conforme documento em anexo.

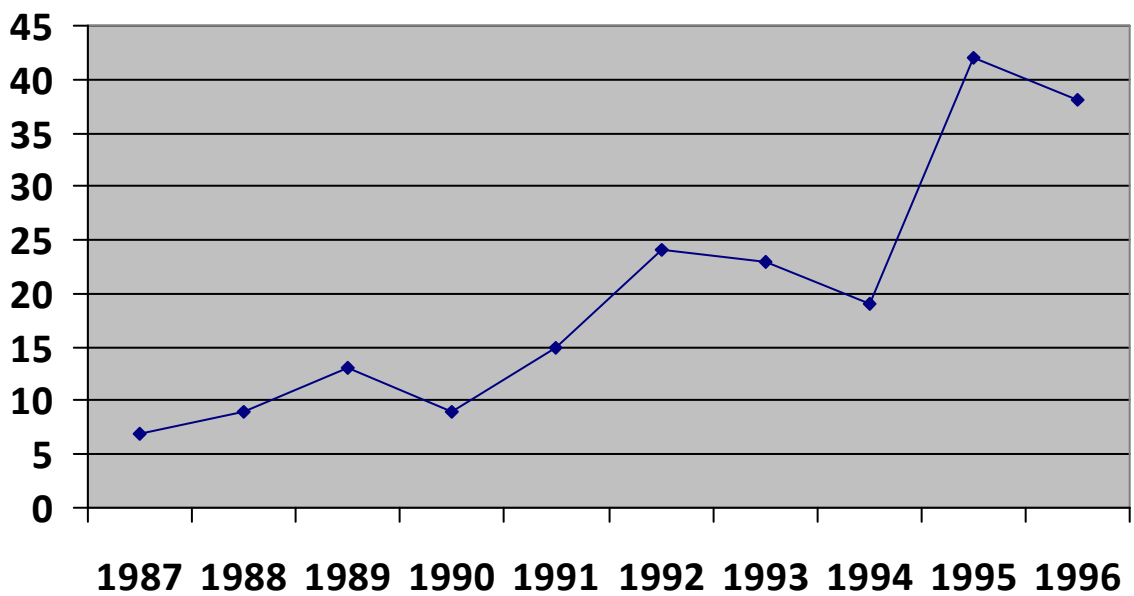
As escolas James Jonhson e Candinha Saraiva permaneceram em funcionamento para receberem as crianças oriundas das localidades que tiveram suas escolas fechadas.

Em 1982 foi desativada a Escola Dona Morena; em 1985 foi desativada a Escola Presidente Getúlio Vargas, e em 1987 a escola Castelo Branco, as duas mais próximas da escola Candinha Saraiva o que explica em parte os números de matrícula entre 1983 e 1985.



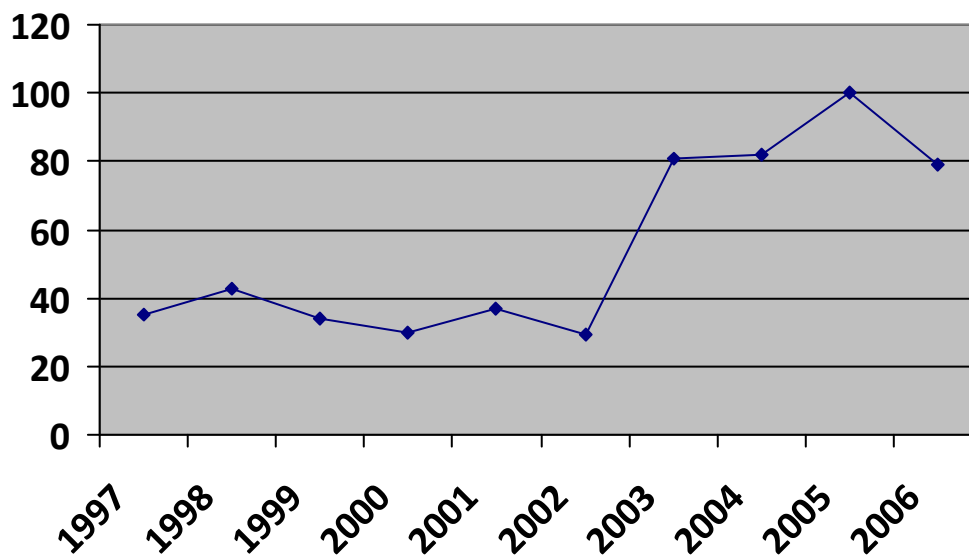
LOCALIDADE: PASSO DA BARCA					PERÍODO:1987 a 1996					
DESIGNAÇÃO: ESCOLA CANDINHA SARAIVA										
Nº ALUNOS SÉRIE/ANO	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
1ª	-	3	5	5	8	10	7	5	8	10
2ª	5	-	2	2	4	7	5	2	9	8
3ª	1	5	1	1	2	5	8	7	1	5
4ª	1	1	5	1	1	2	3	5	16	1
5ª	-	-	-	-	-	-	-	-	8	14
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>13</b>	<b>9</b>	<b>15</b>	<b>24</b>	<b>23</b>	<b>19</b>	<b>42</b>	<b>38</b>

—◆— NºALUNOS

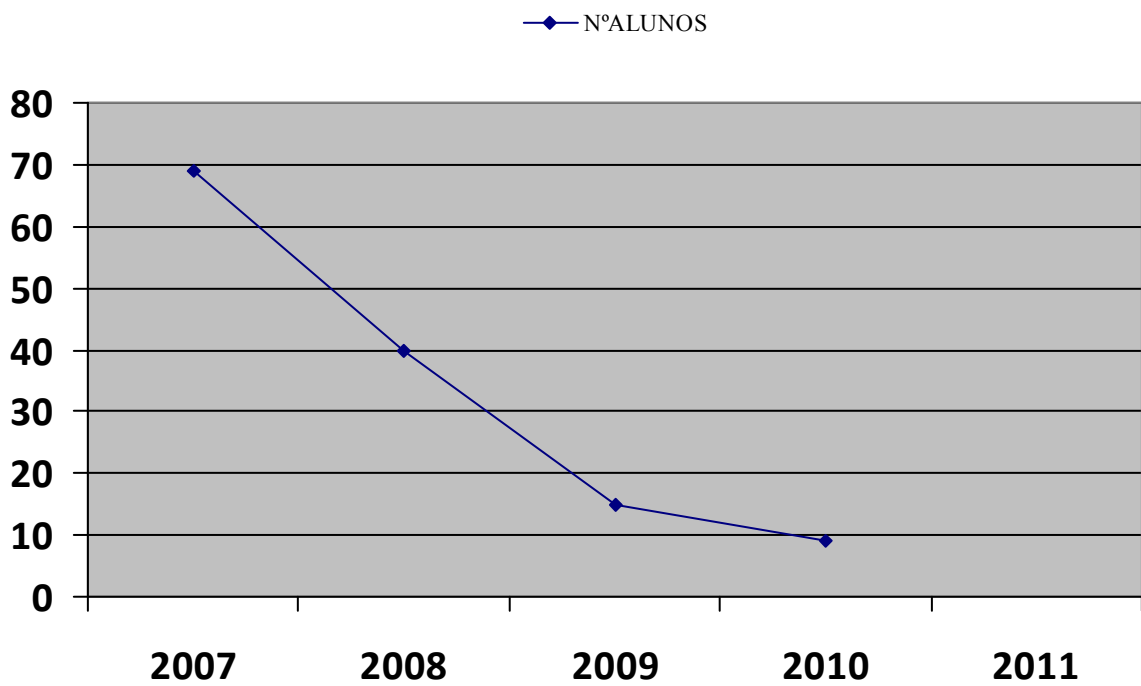


LOCALIDADE: PASSO DO FELICIANO					PERÍODO:1997 a 2006					
DESIGNAÇÃO: ESCOLA CANDINHA SARAIVA										
Nº ALUNOS SÉRIE/ANO	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
EDUCAÇÃO INFANTIL	-	-	-	-	-	-	-	-	16	10
1ª	11	13	6	9	10	8	22	29	16	17
2ª	11	8	9	5	9	6	29	17	25	7
3ª	10	13	6	9	7	9	18	21	15	16
4ª	3	9	13	7	11	6	12	15	15	15
5ª	-	-	-	-	-	-	-	-	13	14
TOTAL	35	43	34	30	37	29	81	82	100	79

—◆— Nº ALUNOS



<b>Nº ALUNOS SÉRIE/ANO</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>
<b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>-</b>
<b>1ª</b>	<b>15</b>	<b>-</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>2ª</b>	<b>8</b>	<b>18</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>3ª</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>4ª</b>	<b>12</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
<b>5ª</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>69</b>	<b>49</b>	<b>40</b>	<b>15</b>	<b>18</b>



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou descrever a trajetória sócio histórica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Candinha Saraiva, a partir da década de 50 até os nossos dias, buscando identificar os fatores ligados à realidade do campo em Arroio dos Ratos que conduziram a redução do quadro de discentes ao longo dos anos, e que resultaram no discurso de fechamento desta escola entre dezembro de 2010 e março 2011 e no retorno às turmas multisseriadas.

No decorrer desta pesquisa verificou-se que apesar de continuar em funcionamento, permanecem os desafios, pois o preço a ser pago por estar hoje no limite entre o campo e a cidade, é o de ter questionada a identidade da escola: rural ou urbana?

No primeiro capítulo a revisão bibliográfica abordou a dicotomia urbano-rural com ênfase nos aspectos relacionados ao êxodo das populações do campo como crença que precisa ser superada nas pequenas cidades como Arroio dos Ratos.

No segundo capítulo a revisão bibliográfica demonstrou que a estrutura educacional de um modo geral em Arroio dos Ratos, foi profundamente marcada pelas relações de dependência do modelo urbano industrial que se instalou na região ao final do século XIX, resultando no decorrer do último século no êxodo da população do campo em direção aos centros mais urbanizados. A tradição oral do nome Candinha Saraiva acompanhou o fluxo migratório das famílias do campo, trazendo para os limites da cidade a Escola Candinha Saraiva. No limiar do século XXI, a escola voltou a debater-se com o esvaziamento das salas de aula e com o discurso de fechamento da escola.

No terceiro capítulo procedeu-se a análise de dados referentes aos períodos em que a escola esteve em funcionamento nos diferentes pontos geográficos do município. Foram cruzadas as informações dos registros de matrículas destas unidades de ensino desde 1953, com as entrevistas dos protagonistas desta história, constatando-se, em primeiro lugar que as sucessivas transições do modo de reprodução social das famílias do campo, afetaram diretamente o funcionamento da escola; em segundo lugar que apesar de ter melhorado em termos de infraestrutura e condições de trabalho, os investimentos na escola Candinha Saraiva não acompanham o ritmo das transformações pelas quais o campo tem passado. Em terceiro lugar que apesar de incipiente, o movimento de resistência ao discurso de fechamento foi

capaz de instaurar o debate político entre os atores envolvidos, cujos desdobramentos ainda ocorrem no encerramento desta pesquisa.

O poder público tem papel preponderante na educação do campo, pois é impossível à sociedade realizar qualquer transformação sem investir em educação. Para além da função social da escola Candinha Saraiva, o conhecimento que é possível ser gerado nesta escola é essencial para a vida das gerações futuras, as que irão transformar o cenário social e político de Arroio dos Ratos, em algo diferente daquilo que é hoje. A educação básica é o fundamento deste futuro que carece de solidez, de significados, mas acima de tudo de liberdade: a de escolher que escola está sendo construída para as crianças do campo, e quais valores irão pautar seu cotidiano.

A educação pode instrumentalizar o homem como sujeito autônomo, capaz de se mover no mundo globalizado, colonizado pela ideologia neoliberal, orientado pela lógica hegemônica de mercado em escala global. Não para perpetuar essa lógica, mas para transformá-la por dentro, para mudar os rumos da história, para assumir o protagonismo de seus próprios valores.

No mundo globalizado a política foi reduzida à técnica, ao gerenciamento pautado pela lógica do mercado, não há liberdade para o confronto, para a discussão pública, em que estão em jogo os significados do homem, de sua sociedade, de sua cultura. E este embate tem como campo estratégico a educação, que se transformou em mercadoria, em empresa que deve atender aos interesses do capital, reduzindo o conhecimento à lógica custo-benefício de mercadoria.

Os fatos vivenciados durante a pesquisa, que tiveram início em dezembro de 2010, ainda se desdobram no cotidiano da escola Candinha Saraiva. O futuro ainda está sendo construído a muitas mãos, desafiando cada um dos atores envolvidos a (des) construir sua própria subjetividade na busca de sentido e identidade, de uma consciência capaz de enfrentar as ameaças e para isso a educação do campo tem um papel estratégico.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo; CAMARANO, Ana Amélia. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos Disponível em <[http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/3580/td\\_0621.pdf](http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/3580/td_0621.pdf)>. (Acesso em 18/07/2011).
- BRASIL. Lei nº 9394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. (Acesso em 09/10/ 2010).
- DELGADO, Guilherme C. A questão agrária no Brasil, 1950 – 2003. Disponível em [http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7894/A\\_QUESTAO\\_AGRARIA\\_NO\\_BRASIL\\_1950-2003\\_Delgado.pdf](http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7894/A_QUESTAO_AGRARIA_NO_BRASIL_1950-2003_Delgado.pdf) . (Acesso em 16/07/2011).
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO DA SILVA, José; **Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, (17): n.1, p.11-40, jan./abr. 2000. Disponível em <[http://www.ufpa.br/numa/mestrado2008/textos/Campanhola\\_e\\_Graziano\\_da\\_Silva\\_1.pdf](http://www.ufpa.br/numa/mestrado2008/textos/Campanhola_e_Graziano_da_Silva_1.pdf)> (Acesso em 18/06/2011).
- DEWEY, Jonh. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- GEHLEN, Ivaldo; MOCELIN Daniel Gustavo (org). Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Organização social e movimentos sociais rurais. Editora UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de pesquisa**. Apostila com textos didáticos disponibilizados pelo DERAD 05 do curso de graduação tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) UFRGS, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>(Acesso em 27/06/2011).
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (IHU). A reestruturação do capitalismo brasileiro, **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, versão on-line. 322 , ano X, março de 2010. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1276603953/4025pdf.pdf>>. (Acesso em 29/01/2010).
- KOLLING, Edgard; CERIOLI, Paulo; CALDART, Roseli (org). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2002. (Coleção Por uma Educação do Campo,4).
- LACOMBE, F.J.M; HEILBORN,G. **Administração: princípios e tendências**. São Paulo: Saraiva,2003.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 70).

MELO, Lenivaldo. MIELITZ, Carlos. **Políticas públicas e desenvolvimento rural no Brasil** (aula 1) Texto didático disponibilizado pelo curso Planejamento e gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) UFRGS, 2009. Disponível em <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=32822>> (Acesso em 16/07/2011).

\_\_\_\_\_. **Políticas públicas e desenvolvimento rural no Brasil** (aula 2) Texto didático disponibilizado pelo curso Planejamento e gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) UFRGS, 2009. Disponível em <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=32822>> (Acesso em 16/07/2011).

\_\_\_\_\_. **Modernização da agricultura** (aula 2). Texto didático disponibilizado pelo curso Planejamento e gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) UFRGS, 2009. Disponível em <[http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7894/MODERNIZACAO\\_Aula\\_2\\_modulo\\_2\\_DE\\_RAD012.pdf](http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7894/MODERNIZACAO_Aula_2_modulo_2_DE_RAD012.pdf)>. (Acesso em 18/07/2011).

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. São Paulo: Terra Livre, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=10173&interna=6](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10173&interna=6)> . (Acesso em 27/06/2011).

PROTÁSIO, Alexandre Reinaldo. O modelo neoliberal e a resistência dos trabalhadores em educação: uma história de lutas. **Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul** (CEPERS) e Organizadores. 6º Núcleo CPERS/SINDICATO, 2009. Disponível em <<http://s3.amazonaws.com/ppt-download/modeloneoliberalereistencia-diagramado-101011103533-phpp01.pdf?Signature=%2Bc/JU5cJpUS1yft5zwxKosrWbTc%3D&Expires=1291595208&AWSAccessKeyId=AKIAJLJT267DEGKZDHEQ>> . (Acesso em 5/12/2010).

QUADROS, Claudemir de. Marcas do tempo: imagens e memórias das Brizoletas. Santa Maria: Unifra, 2005. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/17198653/Marcas-do-tempo-imagens-e-memorias-das-brizoletas> . (Acesso em 26/06/2011).

RIBEIRO, A.L. **Teorias da administração**. São Paulo: Saraiva 2003.

SULZBACH, Ervino Lothar. **Arroio dos Ratos**: berço da indústria carbonífera nacional. 2. ed. Arroio dos Ratos (RS): PBS, 1989.

RIBEIRO, José Carlos. O sindicalismo de trabalhadores rurais no Brasil. Publicado no Recanto das Letras em 23/01/2008. Código do texto: T829642. Disponível em <[http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/3580/O\\_Sindicalismo\\_de\\_Trabalhadores\\_Rurais\\_no\\_Brasil\\_Ribeiro.pdf](http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/3580/O_Sindicalismo_de_Trabalhadores_Rurais_no_Brasil_Ribeiro.pdf)>. (Acesso em 15/07/2011).

RICCI, Rudá. Movimentos Sociais Rurais nos anos 90. GIFA / EMBRAPA, 2006. Disponível em: <http://gipaf.cnptia.embrapa.br/publicacoes/artigos-e-trabalhos/ricci.pdf> (Acesso em: 18/07/2011).

RICCI, Rudá. **A trajetória dos movimentos sociais no campo: história, teoria social e práticas de governos.** In: Revista Espaço Acadêmico nº54. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/054/54ricci.htm> . (Acesso em: 18/07/2011).

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos Urbano do que se calcula.** São Paulo: Autores Associados, 2003.

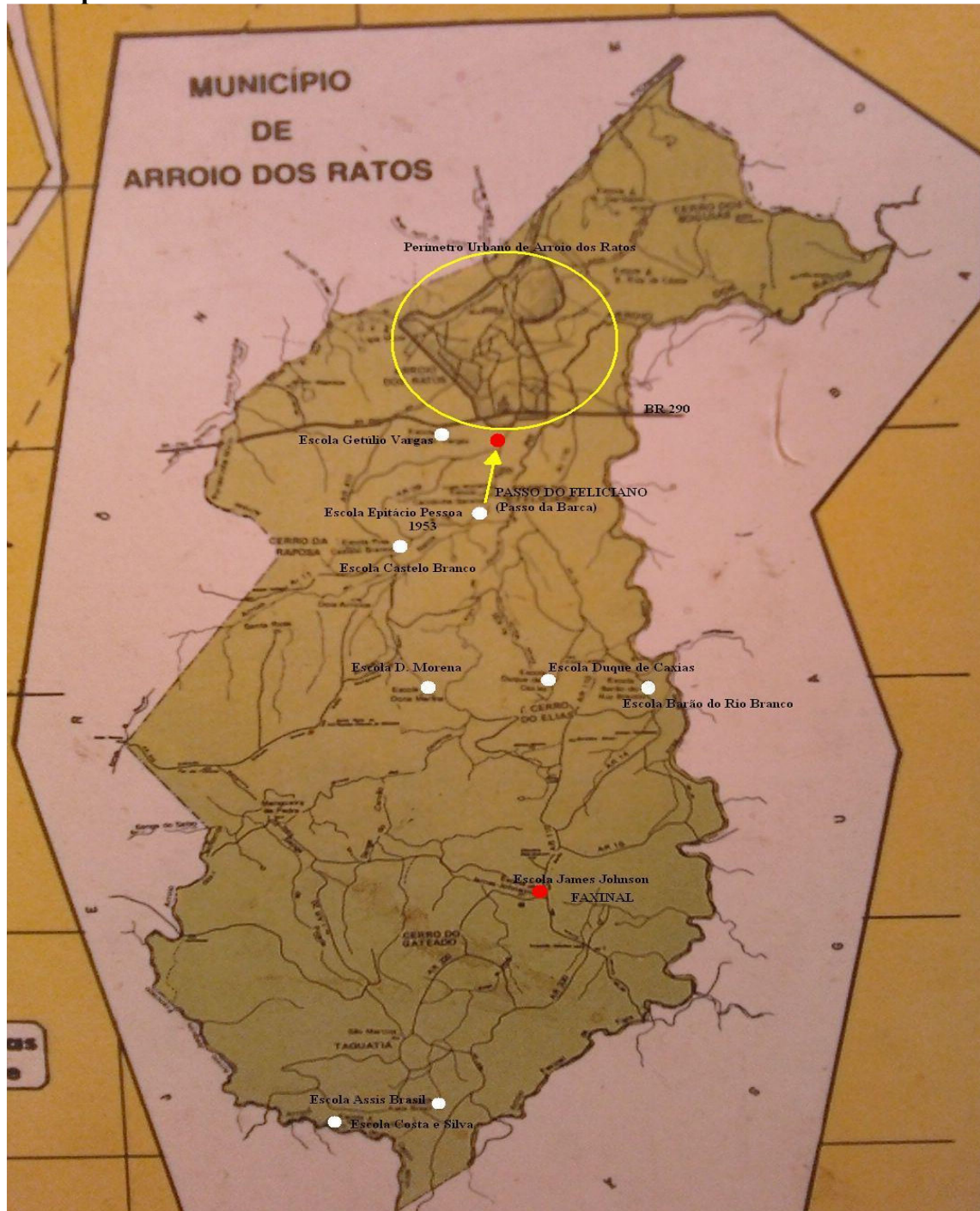
VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** Disponível em <[http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf)> . (Acesso em 25/04/2011).

WAGNER Saionara Araújo. Métodos de extensão rural. Texto didático disponibilizado pelo curso Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural(PLAGEDER) UFRGS, 2010. Disponível em <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=10481> . (Acesso em 18/07/2011).



## ANEXOS

ANEXO 1 - Mapa de Arroio dos Ratos (década de 70) com registro das escolas municipais rurais extintas e existentes.



**ANEXO 2 - Entrevista realizada em julho de 2011 com a primeira professora da Escola Candinha Saraiva na Fazenda San Martin em 1968.**

“Eu trabalhei na Fazenda San Martin, foi o primeiro colégio, fui a primeira professora, fui eu que trabalhei lá, depois eu trabalhei na Escola Costa e Silva, que fechou há muito tempo também.

A Candinha Saraiva foi nesta região, localizada na San Martin mesmo, de propriedade do Ricardinho Machado. Comecei a trabalhar em 1968, dia primeiro de maio de 1968.

Abriu com poucos alunos, tinha até mãe de filhos, naquele tempo dava pra fazer isso, uma salinha pequena, um quadrinho só com primeira, segunda, terceira, quarta e quinta série, num horário só, com direção e tudo. Eu era professora, diretora, era a única que trabalhava, responsável pela escola toda.

Só que aqui eu trabalhei pouco tempo nesse colégio, aí a minha irmã casou, a Marlene e eu passei pra ela, a Marlene ficou lecionando no Candinha e eu passei lá pra essa de baixo, pra Costa e Silva.

Não lembro quando fechou essa escola, porque foi a Marlene que trabalhou ali... quem mais...? A Ielda Govoni, mas acho que a Ielda trabalhou só nas licenças da Marlene, acho que foi só a Marlene, porque depois que fechou ali essa foi trabalhar na Assis Brasil. E ali ela trabalhou pouco tempo também, porque não tinha número suficiente de alunos.

Na Escola Dona Morena a minha irmã deu aula, a Lorena...nós éramos três professoras né. Mas a única que concluiu, que acabou se aposentando fui eu, como professora. Eu trabalhei nessa daqui também, quando deu hepatite nela, eu conheço por isso. Isso foi na década de 70.

Tinha adultos na turma, mulher que era mãe de filhos, a maior parte era adultos, mas as turmas pequenas. Mas o trabalho era o mesmo era pior ainda, porque tu trabalhar com alunos de uma série outros de outra, e outros de outra, tu ter um quadrinho só ali pra ti... pra tudo. No tempo das classes de dois, três lugares que os coitados tinham que virar o pescoço pra trás porque não tinha espaço no quadro pra passar pra todo mundo né. Um pouco tu ia ditando, porque não dava pra ditar muito, porque tu atrapalhava os outros.

Naquela época não tinha material, bem depois que a prefeitura começou a mandar livros, distribuir materiais. Mas quando não tinha era eles mesmos que tinha eu escrever em papel de embrulho, um emprestava uma folha pro outro, outro pouco a professora acabava arrancando as folhas do diário, e dava né...era tudo assim...

Não tinha luz, não tinha água...a água buscava lá na sanga pra fazer merenda pra tudo, a merenda num um fogão de barro desses feito de tijolo, tinha merendeira logo que eu comecei a trabalhar já tinha a merendeira, e pra lavar as classes todas brancas e o assoalho, e o coisa era no mato, pensa que tinha patente? ...nem patente tinha, era no mato mesmo! A luz era luz de vela à noite, os cadernos muitas vezes vinham sujos com fuligem de lampião, os coitados muitas vezes vinham com o nariz preto, sujo de fuligem, e assim vinham os cadernos também, pra gente, sujos do *borraio* do fogão. Capaz que ia ter um liquinho, quem tinha era os fazendeiros, eles tinham geladeira a gás, mas a maioria dos alunos não.

Merenda eles levavam quando não tinha na escola, mas quase sempre tinha, só que era uma coisa mais ruim, que nem a gente conseguia comer, que era aquelas feita de soja, tinha aqueles arroz...mas comiam né, tinham fome, então comiam. Tinha uma das famílias que era grande, então vinham mais por causa da merenda...

Os documentos do colégio, livro ata, livros de presença ficavam arquivados no colégio, e alguns boletins eram enviados para a prefeitura, pra secretaria né...sempre tinha muitos documentos, agora onde foram parar, eu não sei...Eu já convivía com a Marlene que dava aula há bem mais tempo né, então a gente mais ou menos já sabia mais ou menos como era, né...como planejar uma aula como que tinha que fazer, vivia sempre em cima daqueles cadernos, daqueles planejamento mais horrível né...do tempo do...tinha que fazer bonito no papel né, ao invés de preparar uma aula bem preparada pra criança tu perdia o teu tempo planejando aquelas aulas com aqueles objetivos...como é que tu ia passar aquilo pra a criança, usando do quê, lá? Se não era o quadro e mais nada!..

Muita coisa que tinha que fazer, que eu fazia, que eu sabia que era um conteúdo que não ia dar tempo, eu escrevia e passava com carbono, três quatro carbono pra adiantar o trabalho, porque não tinha tempo pra desenvolver a aula pra turma toda junto. E tu uma só! Mas aprendi assim.

Na época ninguém ia visitar a escola, mas na época de prova iam lá aplicar prova no aluno, os professores da secretaria de educação que iam aplicar prova no aluno. Agora tu imagina as crianças nunca viam, nunca recebiam uma visita, já eram nervoso quando chegava o dia da prova, aí não podia perguntar, não podia apagar, era um absurdo aquilo.

E pior que aprendiam! Hoje em dia eles mostram pros filhos: *Essa aí era a minha professora, mas ela era tão malvada! Tão ruim, mas eu gosto dela.* Mas é que eu tinha que ser, se tu não exigisse deles o que ia ser de ti na prova final?

Ah Deus o livre... olha... o que a gente passou....

Não vinha aluno só da San Martin, vinha de toda a volta, mas localizada ali mesmo ao redor, vinham de a cavalo, de a pé...

As famílias trabalhavam nas lavouras. Uns trabalhavam com os fazendeiros. Que nem tinha o Ricardo Silveira, o Ricardinho Machado, que já são morto, né. Tinha os filho ali, tinha filhos de trabalhadores e de proprietários ali. Eram chacrinhas, né. E trabalhavam de peão com um, com outro...então viviam assim. Produziam ...não tinham grandes coisas pra negócio, não. Criavam porco, criavam galinha, plantavam uma lavourinha, então viviam do que eles colhiam ali.

Os fazendeiros fortes mesmo que eram o Ricardo Silveira e o Ricardinho Machado, nesse eu parei na casa dele, pra lecionar. Nós morávamos no Faxinal, e eu parava na casa dele, na San Martin, por isso é que eu conheço bem todo mundo lá. A Lourdes Nogueira trabalhou na Costa e Silva na minha licença, quando eu ganhei a minha filha.

Comecei a trabalhar com 17 anos, ia fazer 18 em agosto, com carteira assinada e tudo. Foi na época que ia emancipar o Arroio dos Ratos. Aí foi o falecido Naro, o Marino, a falecida Arminda, eles foram ver né, o que se achava de emancipar o município, e coisa... e nós trabalhava na lavoura. E eles quando iam pra lá, almoçavam na casa de um e de outro né...e quando nós chegamos da lavoura, ela ficou muito preocupada. (fala atribuída a D. Arminda): *Essas rica moças trabalhando na lavoura, não pode*. Aí ela perguntou até que série nós tinha estudado, ora até a admissão, né, que naquela época era a quinta série. Aí ela anotou os nomes , e disse: *Tu vai estudando que quando tu tiver idade eu vou te chamar*. Nesse meio tempo eu fui trabalhar lá em Eldorado. Quando foi um belo dia eu recebi um chamado pra prestar o exame de admissão...fiz, passei né, e comecei a trabalhar.

Depois com o tempo é que eu fui prestar concurso. O primeiro não valeu....aí a gente teve que fazer de novo...mas passei também porque a gente se esforçava, né. Aí continuamos, porque nunca troquei.

Na época eu caminhava mais de uma hora atravessando o campo, acompanhada da Jurandir, bem mais velha que eu, ia comigo né... ela era minha aluna... ela não tinha concluído...Então ela era a minha companheira...atravessando o campo, gado brabo... tinha que tá cortando volta. Com chuva tinha as botas de borracha, e se tinha temporal parava de baixo de uma árvore e esperava passar.

No verão era de manhã a aula, mas no inverno tinha que passar pra de tarde, sempre um turno só, lá fora sempre tinha que trocar porque sempre tinha muita falta, não tinha condições de as crianças aguentar mal agasalhadas, né...tinha gente que tinha família grande...faltavam muito na época de capina e plantação. Agora tem poucos pra lá, a maior

parte tá pra cá, esvaziou muito aquilo lá...é só tapera, casas fechadas. Eu mesma depois que me aposentei vim pra cá...a gente se aposentou, eu e meu marido compramos esta casa. Depois que eu me aposentei me arrependi de não ter o curso Normal, que falta que eu achei, até hoje eu sonho... até por causa dos custos que se tinha...tinha que abandonar casa, filho, tudo, tinha que passar a semana em São Jerônimo, fazendo aqueles cursinhos...depois começou aqui...mesmo assim tinha que abandonar tudo porque não tinha como ir e voltar, o ônibus vinha de manhã e voltava de tarde. Chegava aqui as nove horas, quatro da tarde já tinha que voltar, então não tinha como tu vir, tu tinha que vir e ficar. Deixava filho, deixava tudo...era difícil.

A abertura da escola foi por influência mesmo do seu Ricardinho que era o dono da Fazenda San Martin na época, e os pais que queriam porque não tinha colégio, os outros foram construídos bem depois....

Não foi feito um prédio, era uma casa de moradia foi aproveitada então aquela peça, e aí tinha a cozinha, tinha outras peças grandonas de chão, a peça do colégio eles assoalharam, no mais era chão...não foi construída para o colégio. Era de tijolo de parede bem grossa, casa antiga. Era uma casa abandonada, os moradores tinham ido embora pros Morrinhos, eram fazendeiros também, e aí foi onde seu Ricardinho comprou né...e aí pertencia pra ele. E aí por influência de um e de outro, como a Marlene era professora e ela era noiva do Juarez Machado, aí eles começaram a movimentar pra ver quem é que queria, quem é que se interessava, né...foi assim que surgiu.”

### **ANEXO 3 - Entrevista com Prof<sup>a</sup> Palmira Lindner Rodrigues em julho de 2011, primeira professora da escola Epitácio Pessoa.**

“Comecei dando aulas num balcão de armazém, na D. Laura. Ficava perto da minha casa, no Passo da Barca. As crianças ficavam de pezinho, coitadinhas, para escrever no caderno. Era uma sala grande com um balcão.

Depois os pais começaram, um levava um banco, outro levava mesa, outro levava uma cadeira, emprestado né, e aí nós arrumamos, foi como a escola começou. Com os pais das crianças mesmo se organizando.

Depois a D. Laura perdeu o marido, ficou muito abatida, e eu passei a dar aulas num galpão de madeira que tinha no terreno onde eu morava. Eu falei com a D. Heloísa de São Jerônimo e ela deu o consentimento.

Em 1954 houve um concurso, e eu passei, fiquei efetivada. Dei aulas pelo município de São Jerônimo por 11 anos, depois é que nos trouxeram pra cá.

Durante muitos anos dei aulas numa precariedade muito grande, com um quadrinho muito pequeno, um número grande de alunos, foi só em sessenta e poucos que o Brizola fez a escolinha aquela...sessenta e dois, sessenta e três... não sei. Dei aulas uns quantos anos nessa que o Brizola fez.

Nesse período em que eu dava aulas no galpão eu tinha todos os livros de registro das matrículas, mas deixei uma caixa de livros com o nome das crianças num porão da casa e acabou apodrecendo. Esse material se perdeu completamente.

Teve um ano que eu tive com quarenta e cinco alunos nesse galpão, aí a D. Heloísa chegou e disse: *mas de jeito nenhum! Não dá! Como é que tu vai atender todas essas crianças, desse jeito?* Não tinha condições, porque o quadrinho era uma coisinha, então tinha que passar no caderno pros menorzinhos, pros outros mais adiantados tinha que dar o diário pra eles copiarem, era aquela coisa, alunos de primeira a quinta série eu tinha.

Eu só tinha a quinta série, eu vinha de lá, as vezes cortando geada, a cavalo, pro colégio Couto de Magalhães, me formei ali em 1952 na quinta série. As minhas professoras foram a Letha e a Arieta, que eram pessoas conhecidas da comunidade, a Arieta foi minha madrinha de casamento. Naquela época a quinta série era a oitava, né. Agora não a quinta série é a quinta série e ali parou.

Quando eu fiz o ginásio, não tive dificuldade nenhuma, tinha o noventa e nove, que era como o supletivo, a gente estudava e ia pra Porto Alegre prestar as provas, ia pra PUC, no

Pão dos Pobres...cada ano era num colégio. Aí depois eu fui fazer o Normal em São Jerônimo, ia de ônibus Vitória. O ônibus passava aqui na padaria.

Por mais de ano tive turmas muito numerosas, uns anos menos, outros anos mais, mas sempre bastante alunos. Do Cerro da Raposa vinha uma turma grande, a pé, quando a gente olhava vinha aquele mundo de criança, pelo meio do campo. Lá do rincão, tinha uns que vinham de charrete, a cavalo, de carrocinha...não tinha aula lá, depois é que construíram uma lá.

Todos trabalhavam, tinha uns que plantavam melancia, milho, feijão, mandioca. Mas tinha muitos que trabalhavam nas minas, outros trabalhavam na serraria, e um grande número de trabalhadores da pedreira que extraíam pedras de construção, lá em casa também trabalharam nas nossas terras lá, fizeram muitas pedras, tiraram muita pedra pra fazer moirões, pedras de calçamento. A nossa cerca é dessa pedra de lá.

Foram dez anos trabalhando na Epitácio Pessoa, depois o Brizola fez de madeira também, uma sala e uma cozinha. Levavam água da vertente dos Pinhatti, fizeram a caixa e levaram a água até a escola. Mas antes era um sacrifício, né. Eu tinha que fazer a merenda em casa, levar prontinha porque não dava pra tá indo e voltando, banheiro também era difícil...naquela época...depois que o Brizola fez tinha *patente*, mas antes quando começou ali não tinha ainda. Então mandava as gurias lá no mato fazer xixi, eu ficava olhando. Depois eu mandava os guris...olha, o que eu passei!

De lá da escola eu vinha a cavalo de manhã e distribuía leite, a mãe tirava leite, botava aquela mala no cavalo, na Avenida Espanha eu tinha freguesia em quase toda ela. Desde o começo onde era a praça, onde morava o seu Bruno, um alemão velho, bem no bico da praça, e daí eu ia distribuindo o leite. Minha mãe era viúva, o trabalho era o dela, lavando roupa, vendendo leite pra poder manter os meus estudos. Eu deixava o cavalo na Dona Maria Georgia, ela me oferecia um café bem quente, eu deixava o guarda pó ali e ia pro Couto de Magalhães.

Na escola que o Brizola construiu, tinha uma área grande na frente toda trabalhada, muito bonitas que eram aquelas escolas, com umas ripas de madeira tramadas. Naquele ano ele fez por tudo, aqui em Arroio dos Ratos. Foi por volta de 66 ou 67. Aí tinha até servente, que fazia a merenda, a prefeitura dava algum material, livros. Ele construiu muitas, né. Lá no cerro do Elias parece que tinha uma duas ou três... Tinha aquela lá, a minha, tinha lá na Tia Morena também, ali na entrada perto dos Dalbem. Aí quando construíram essa, aí diminuíram os alunos lá, bastante. Porque muitos vinham da faixa pra lá no balneário onde eu dava aula.

Lembro que a Orlandina deu aula na Candinha Saraiva que ficava lá na D. Morena, no campo dos Menezes.

Os meus primeiros alunos eram maiores que eu, mas as coisa mais querida, eram grandes já com dez, doze anos já, não tinha aula né... os filhos trabalhavam com os pais na roça, então alguns tinham aula em casa com os que sabiam mais, mas a maioria não tinha nada. Tinha os que vinham do Rincão dos Américos, do Cerro da Raposa tinha uns quantos também. Eles tinham muita vontade de aprender, quase não tinha reprovação. Quando eu já tinha mais assim de terceira e quarta série, aí as vezes tomava, naquela época a lição de cada um, tinha o livrinho e as letras, tinham que saber as letras, aí os mais velhos tomavam a lição né, enquanto eu passava qualquer uma coisa....

As crianças não faltavam à aula, trabalhavam na roça com os pais, mas sempre no turno depois da aula. Às vezes vinham pra escola debaixo de chuva, chegavam molhadinhos de ter que torcer a roupinha deles pra secar durante a aula, tanta era a vontade de aprender.”

#### **ANEXO 4 - Entrevista com a professora Vera Silveira, em julho de 2011, com regência de classe na atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva:**

“Eu estudei na Escola castelo Branco, sou lá de fora né, Rincão dos Américos, e aí quando eu comecei a estudar já era Castelo Branco. Da escola Ana Job só lembro o nome, há muitos anos que eu não ouvia falar nesse nome agora que tu falou eu lembrei, mas pra mim sempre foi Castelo Branco.

Depois que eu casei eu vim morar aqui perto, e em 81 eu comecei a trabalhar lá no Candinha, surgiu uma vaga no município, era até a minha prima que trabalhava nessa escola, na Candinha Saraiva, a Marisa Silveira. Eu parei de estudar o magistério, eu tava no segundo ano, pra poder trabalhar, aí vim sem concurso sem nada falar com o prefeito, e aí me deram a vaga e eu trabalhei. No outro ano já teve concurso público, já fiz o concurso e já fiquei. Trabalhei dois anos lá no Candinha Saraiva, no outro ano eu casei, e vim pra cá.

Os alunos eram da redondeza, não tinha transporte nenhum, então eram só crianças do cerro ali perto, não vinham crianças de longe, que agora tem que vem da Zumbi, da Mangueira de Pedra como tem hoje, era só da região ali. Tinha famílias lá do cerro que tinham cinco, seis filhos, por isso que a escola tinha mais alunos. Nós tínhamos uma merendeira, não tinha água, eu não lembro, eu tava pensando sabe, não me lembro de ter água encanada eu lembro que o marido dela trazia nos fins de semana de carroça puxada a cavalo, aqueles latão de água pra ela poder limpar a escola. E acho que era filtro....não!....talha! que



então durante a semana enchiam com água aquelas talhas para as crianças irem usando, o banheiro era uma patente lá na rua, que a gente tinha, não tinha nada disso que tem hoje. Tudo numa sala só pra todos ali, de primeira a quarta série que eu tinha naquela época. Sem experiência nenhuma com turma multisseriada, eu nunca tinha trabalhado...aí eu alfabetizei...não sei como...às vezes eu fico pensando naquela época, não sei como eu alfabetizei!

Eu dava o diário pra aluna da quarta série copiar, tinha uma aluna de quarta, quando ela tinha dificuldade eu explicava alguma coisa pra ela ali, e os outros eu dividia o quadro e iam trabalhando.

Tinha dias que eu trabalhava fazendo merenda quando ela ficava doente, a Dona Nora, já falecida...ela era bem doente, né... eu tinha que fazer merenda, tinha que atender eles, era professora, merendeira, diretora, secretária...todas as funções. Só que a gente tinha que cumprir as ordens, naquela época a secretária de educação era bem rígida e nos chamava a atenção na frente de todo mundo em plena reunião se a gente não cumpria alguma coisa, algum prazo. Mas foi uma experiência muito boa que eu gostei de trabalhar. Hoje em dia tenho turma multisseriada de novo, e lá no Candinha Saraiva e é totalmente diferente, os alunos já são agitados, já tem outros conhecimentos sabe, que naquela época acho que nem televisão direito não tinha e eles então interagem com todos os assuntos da modernidade, de tudo da atualidade...e naquela época nem muita conversa a gente não tinha era só aquela aula ali e deu. A gente não explorava tanto as coisas como agora, era só aquilo ali.

O projeto Acelera foi da secretaria de educação, a Verinha foi uma das monitoras da época, eu era a diretora do Candinha, no turno da manhã. Eu tinha uma turma no Miguel Couto a tarde, eu tive que largar pra assumir o Candinha. Eles fizeram um levantamento de todos os alunos que estavam em defasagem idade-série no município, e aí colocaram lá esse projeto de aceleração. Tinha dois tipos de atividade com a clientela, o Se Liga e o Acelera. O Se Liga eram alunos que não eram alfabetizados, e o Acelera para os de terceira, quarta e quinta que estavam alfabetizados mas não estavam letrados, liam mas não tinham entendimento do que liam. Eram selecionados por uma prova, quem não ia bem ia pro *Se Liga*, quem ia bem ia pro *Acelera*. Tinham avaliações, orientação e coordenação, feitos pela Máira e a Sandra. Eu não sei, eles trabalhavam com apostilas, era uma coisa meio levada, meio empurrada...imposto...além de eles terem muita dificuldade eles eram muito rebeldes...alunos com muita indisciplina...juntou uma nata assim né...todo mundo dizia que lá era a FEBEM...uma coisa assim...porque juntaram aqueles alunos assim...

No meu primeiro dia de direção lá eu vi um aluno dar um soco na cara do outro, e aquilo me abalou, e eu ter enfrentar aquilo como diretora da escola, tomar uma posição...depois nós tivemos problemas com alunos com soqueira na aula, com violência dentro do ônibus, era o transporte que levava eles, a gente tinha que estar sempre em alerta. Foi assim bem complicado, bom...quando uma tinha que faltar nós tinha que chamar outra pra ficar no lugar da pessoa, porque nunca poderia ficar uma pessoa sozinha, sempre muito arriscado! E aí trabalharam aquele ano, no outro ano fizeram de novo, acho que a gente fez dois anos ainda quando a Sandra Bortoloti era secretária de educação, de 2003 a 2005. Em 2003 e 2004 funcionou direitinho e em 2005 era ano de eleição e começou a função de *começa e não começa*, e acabou não começando nada, aí terminou mesmo. E aí não se empenharam muito, não sei porque, quando eu fui ver já não era mais diretora também. Mas aí os alunos que participaram do *Acelera* a maioria quis continuar na nossa escola, no outro turno. No primeiro ano de *Se Liga e Acelera*, eles aprovavam e saíam da escola, e muitos quiseram continuar no turno da manhã, por isso que aumentou esse número de alunos...Tivemos que dividir todas as salas, tínhamos duas enormes ali, tiveram que fazer divisórias pra fazer salas de aula, aumentaram todas as séries da escola. Aumentou o número de aulas, aí abrimos o prezinho que a gente não tinha, as famílias claro que aumentaram, né...porque aí vinham os maninhos, os pequenininhos, fomos dando vaga pra todo mundo quando a gente viu tinha cem alunos, entre os da escola e do projeto que foram ficando. O transporte trazia a todos, nós fazíamos uma chamada geral também, colocava cartazes na frente das escolas dizendo que tinha vaga, até em função do PDDE que a gente tinha, a verba federal que vinha pras escolas conforme o número de alunos, quanto mais alunos a gente tinha, mais verba a gente ganhava, então a gente fazia a chamada pra ter alunos. Era o FUNDEB, agora é PDDE. Quando faltava vagas aqui, mandavam pra lá, de outras escolas, nós tínhamos alunos de todas as escolas, do *Doze* (Escola Lygia Motta) nós tínhamos alunos, lá do Anita nós tínhamos alunos que ficaram do *acelera*...e eram enormes os problemas que a gente tinha, as famílias...a mãezinha desmaiava quando era chamada...era um conflito cada vez que a gente chamava a mãe...a gente abraçava essas causas assim...foi um sufoco...eu não tenho muita saudade daquela época não depois que ficou esse *Acelera*. Claro que o lado humano da gente fazia de tudo por eles, mas foi muito desgastante....

Os nossos mesmo na região, quando ainda era a escolinha de madeira, eram filhos de cortadores de pedra no cerro, lá em baixo tinha um que trabalhava na olaria do meu primo, outro era filho do patrão, e tinha esses do cerro que eram os mais pobrezinhos que eu achava, até pelo número de filhos desta família, eram muito numerosa, só o pai trabalhava fazendo

pedra pra vender. Já não tinha trabalho na lavoura. Ali era a olaria que dava o ganha pão da maioria deles ali fora.....na década de 90 trabalhavam com pedra, ou na olaria, e tinha aqueles que trabalhavam no centro....mas não era agricultura não....

Não tinha muita evasão, os que moravam ali, continuavam...que eu lembro...eu tive alunos...que estudaram pouco tempo ali...mas é que eles vieram morar em uma casa que não era deles, de cuidar...como caseiros...que tiveram pouco tempo ali mesmo...as crianças ficaram bem pouquinho tempo e saíram. E os outros não, os outros continuavam até a quarta série, depois saíam....

Não tinha alterações de horários por causa do trabalho, era só de manhã...foi assim em 81 e 82, aí eu saí no final do ano de 82 e voltei em 2000, já estou lá há onze anos...direto...quando eu comecei a trabalhar aqui me deram turmas de quinta a oitava, e eu não tinha formação...trabalhei com ciências, religião..um ano só eu fiquei e pedi pra sair...não era o meu chão trabalhar com aluno grande, aí eu pedi pra ir pra lá. Sempre na alfabetização já fazem onze ou doze anos que eu tô lá de novo.

Em 2001 eu me candidatei e fiquei quatro anos na direção e na época braba desse projeto de aceleração aí. Foi no tempo que o Zezão era prefeito aqui no Rato que eu tava na direção.....

E aí teve essa época polêmica de fecha a escola, não fecha a escola, que a nossa escola não era multisseriada e voltou a ser em função desse fechamento. Hoje eu tenho onze alunos e a Marga tem seis ....eu acho...

Pelo número de alunos eles queriam fechar a escola mesmo e trazer aqui pra cidade, porque disseram que não poderiam mais transportar alunos da cidade pra lá, porque lá é escola de zona rural, que o transporte é só pra rural....aí começaram a mandar alunos daqui pra lá...agora tá indo alunos, aumentou por isso...dos nove já tá em dezessete, dezoito...foi mais uma aluninha pra lá. São alunos que são transferidos, que vêm de outras cidade e tá indo prá lá. Em vez de arrumarem vaga aqui, são moradores daqui...então eles faltaram com aquela palavra que tinha que ser só alunos nossos...Não era esse o combinado, a sala tá cheia por quê? Eu ia pegar só os meus aluninhos do ano passado...quatro ou cinco alunos no máximo, e aí eles mudaram. Pra tantas séries assim, tinha que ter mais uma professora lá pelo menos... a primeira série tinha que ser separado...

No ano passado fizeram uma reunião com os pais lá na escola pra colocar pra eles que ia ter o fechamento da escola, aí tá...foi um auê mas já tava todo mundo meio que aceitando essa idéia, aí a gente tinha que ver um lugar pra gente aqui no município, essa reunião foi em dezembro, no último dia do ano letivo. Teve até um bate boca com os pais.... mas como era

ordem do prefeito, todo mundo maio que acatou, mas aí meio que se mexeram nas férias depois, e ficou de ter uma outra reunião lá na secretaria de educação, o secretário fichou de ver se falava com o prefeito...aquela coisa toda....Nessa outra reunião tava tudo certo pra fechar, foi aqui na prefeitura, vieram poucos pais mas veio...aí as mães falaram que ia ser difícil porque eram crianças pequenas, porque tavam prometendo que ia ter sempre alguém no transporte pra acompanhar na entrada, na saída...sonha! A gente sabendo que podia ser que no primeiro e no segundo dia até podia acontecer, mas depois ia ficar tudo largado. E tava também o presidente da Câmara, o Teixerinha, que tava lá apedido de mães, que ele é de fora então convidaram ele pra assistir lá também. E aí no final ele deu o parecer dele, o que ele achava, ele fez um pedido pro prefeito que deixasse essa escola funcionando esse ano ainda, então que se preparasse pro ano que vem, pra fazer essa transição, que os pais iriam se preparando, que trouxessem os alunos pra informática que tem aqui no centro, pra irem se acostumando com a cidade....o prefeito acatou na hora! Naquela hora mudaram de opinião... eu não entendi até hoje....aí terminou a reunião e nós fomos trabalhar”.

**ANEXO 5 -Entrevista realizada com professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva em dezembro de 2010:**

“Apesar da ameaça de fechamento, nós batalhamos e conseguimos manter até a quinta série. Hoje a escola atende 15 crianças. Até 2009 tínhamos cerca de quarenta alunos, destes restaram estas 14 que são da zona rural. Até semana passada eram 15, mas um saiu esta semana, pois os pais tiveram de ir embora. Na zona rural tem esse problema, muitas vezes os pais vêm trabalhar, não se adaptam e acabam voltando.

A escola tem atualmente turmas de Educação infantil, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano e a última turma de quinta série que no próximo ano será então o 5º ano.

Os mais distantes são a Luana na Porteirinha na BR 290, e o João perto da fazenda do seu Donato Garcia. São duas as crianças que moram mais longe, elas levantam as 5h da manhã pra pegar o transporte.

Usamos muito a questão do Piaget, Paulo Freire, Vigostky, alguns autores novos que tem surgido também tentamos, mas é complicado, pois não temos orientadora pedagógica, aliás uma orientadora que não vem todos os dias. Não temos supervisão, uma mesma pessoa acumula muitas funções como a Carla que é secretária, diretora, supervisão pedagógica, a administração etc. Mas tem muitas coisas pra fazer, documentos pra entregar, prazos pra cumprir. Nós temos quatro reuniões pedagógicas. E este ano a gente nem tá fazendo as reuniões, por causa da necessidade de dispensar os alunos. Como a gente enfrenta outra realidade este ano, procuramos não dispensar os alunos pra fazer as reuniões, realizamos as reuniões em intervalos um pouco maiores, damos os recados, conversamos, ou então nos períodos de Educação Física, aproveitamos também os dias de muita chuva, como agora no inverno, quando o número de alunos fica reduzido por causa da dificuldade que muitos tem de chegar até a escola, porque moram longe da estrada, ou porque o transporte não vai até lá.

Nós não temos problemas com indisciplina, porque o grupo é tranquilo. No máximo alguma desavença durante alguma brincadeira ou jogo, mas coisas simples de resolver. Também não temos problemas de aprendizagem ou reprovação, pois o atendimento é bastante individualizado. São quatro na quinta série, que no primeiro, segundo e terceiro bimestre não reprovaram. Se o aluno não entendeu alguma coisa, nós retomamos individualmente a questão, leva uma tarefa pra casa pra no outro dia refazer a avaliação. A qualidade no atendimento é outra. Então não temos maiores problemas de disciplina ou aprendizagem.

Os pais não estão sempre na escola devido as distâncias e intempéries que afetam suas condições de deslocamento, mas procuram avisar quando as crianças estão impossibilitadas de vir, procuram contato sempre que possível, é uma comunidade maravilhosa de se trabalhar, o problema é que tiraram o transporte. As chamadas para reuniões são momentos importantes de participação dos pais na escola, pois basta avisar que eles vêm. Diferente dos pais das escolas urbanas que precisam de outros incentivos como coquetel, chá etc. Aqui as reuniões são oportunidades destes pais participarem ativamente das propostas da escola.

Os alunos que vinham das escolas urbanas tinham um perfil disciplinar e de aprendizagem mais difícil. Durante o projeto *Acelera* do Instituto Ayrton Sena chegamos a atender cem alunos na escola. Foram dois anos de projeto. Com o final do projeto as crianças permaneceram na escola, mas com as transições políticas este movimento foi se esvaziando, sem incentivo público, foram saindo e ficaram apenas alguns que vinham no ônibus de transporte que vinha do centro.”

**ANEXO 6 - Entrevista realizada com Carla Siqueira Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Candinha Saraiva em dezembro de 2010:**

“Falta estrutura social, trabalho, salários baixos, de caseiro só o homem é remunerado então a mulher que não é remunerada, se sobrecarrega trabalhando, vendendo algumas coisas como ovos, geléias, verduras, frutas. Nossos alunos são filhos de caseiros, donos de pequenas propriedades que não sustentam as famílias, elas trabalham fora como prestadores de serviços.

Ao final do ano o secretário afirmou o fechamento da escola, gerando inclusive doações de parte do mobiliário da escola à outra entidade educacional ligada ao município.

A comunidade escolar organizou-se solicitando audiência com os gestores reivindicando o direito à educação remetendo o discurso às promessas realizadas em campanha por estes mesmos gestores. Foi uma ação de resistência destas mães que mesmo em número menor (restaram apenas dez alunos na escola) obtiveram uma promessa de que a escola continuaria em funcionamento ainda este ano, porém multisseriada, reduzindo-se o quadro funcional. Como uma forma de otimizar os custos de manutenção da escola.

No período em que o transporte foi restrito aos alunos do campo, a escola contava ainda com 40 alunos. Foi marcada uma audiência com o prefeito e somente duas mães compareceram, aceitaram a retirada do subsídio sem resistência. Então o transporte foi retirado de um grande número de crianças, por falta de mobilização da comunidade escolar.

No decorrer dos últimos anos foi sendo modificada a estrutura física da escola para acomodar um número maior de alunos. Havia uma secretaria que era uma sala grande, três salas de aula amplas, e uma salinha que era sala de professores, e a cozinha. Com o passar do tempo esta estrutura foi sendo repartida com divisórias, criando-se mais salas com menos espaços, sob o argumento de acomodarem-se mais alunos. Então a sala da secretaria que era grande foi repartida para funcionar secretaria e direção. As salas de aula que eram três, tornaram-se seis, com espaços menores. Nada novo foi construído, houve apenas divisão e redução de espaços. A cozinha foi reestruturada com duas novas salinhas onde foram acomodados cinco novos computadores que recebemos como doação do programa pró-info. Com esta reestruturação das turmas multisseriadas, iremos utilizar apenas duas salas em apenas um turno. Quatro salas ficarão ociosas neste turno, e nos outros turnos a escola inteira ficará ociosa. Cada sala acomoda de dez a quinze alunos, mas temos apenas dez entre todas as séries.

Uma das consequências da redução do número de alunos é a perda de verbas para a escola, como o programa dinheiro direto na escola, que no caso do Candinha ficaria em torno

de 500 a 600 reais, que era transferido de acordo com o número de alunos (um mínimo de 20 a 25 alunos) como o Candinha tem apenas dez alunos não recebemos este dinheiro.

A escola ficou apenas com uma porcentagem deste programa dinheiro direto na escola por ser de área rural, e o caixinha que é de 200 reais, mediante prestação de contas comprovados por recibos de compras com materiais para a manutenção da escola como fechaduras por exemplo. Como esta é uma população que cuida do patrimônio, não é uma clientela que depreda, que vandaliza etc. os custos com manutenção são baixos, pois pouco se quebra ou se perde.

Quando tínhamos este dinheiro do governo adquirimos impressora, forno elétrico, e outros materiais de grande porte.”



**ANEXO 7 - Entrevista com Secretário de Educação do município de Arroio dos Ratos Gilmar Teixeira, em julho de 2011 sobre a proposta de fechamento da escola Candinha Saraiva.**

“Desde que se iniciou a administração se fez uma observação de que a escola estava onerando muito os cofres públicos, porque é toda uma estrutura de professores, supervisor orientador os professores de área (inglês, artes, educação física..) para cuidarem de nove alunos. Então fizemos os cálculos e chegamos a conclusão de que se nós trouxéssemos os alunos para estudar aqui no centro, sairia muito mais barato do que manter toda a estrutura da escola. Sem falar na função da diretora da servente do zelador que tem pra manter esta escola.

Então o prefeito havia solicitado que a gente fosse fazendo um trabalho com a direção da escola e com os professores de que a escola seria fechada se ela não apresentasse resultados de se buscar alunos. A gente fez o quê: a gente conversou com a direção da escola, eu tive lá e conversei com os professores, expliquei a situação.

As gurias ficaram a apavoradas: Mas como!? A escola vai fechar!?

Eu digo: Gurias tá se tornando inviável manter uma escola com nove alunos, se tem ais professores que alunos!

Se tu fores fazer um levantamento até o ano passado tinha mais professores que alunos.

Então o que é que se fez: no final do ano...eu lembro que foi um final de ano terrível pra mim...enquanto secretário, porque eu tive que, eu ir até a escola conversar com os pais, inicialmente eu falei com a diretora da escola que falou com os professores...eu fui...também fiz uma fala com os professores, com a direção da escola, ninguém apresentou problemas, todo mundo estava aceitando numa boa até porque eles estavam entendendo que o processo contrário de trazer os alunos pra cá, seria mais interessante tendo em vista que estaríamos sociabilizando esses alunos né, com o convívio aqui na cidade, já que levar os professores pra lá continuava fazendo com eles mantivessem aquela vida da casa pra escola, da escola pra casa. O fato de ser apenas nove alunos, inibia, não vou dizer impedia, mas inibia de eles participarem de atividades como os jogos estudantis, requer o que, um grupo de alunos que tenha um time que pertença a uma determinada classe, pra serem enquadrados nos jogos juvenis, não tem. Outras atividades por exemplo como a Festcarbo, queriam trazer pra cá mas os pais não deixavam porque tinham medo de que iriam pro museu, com toda a história que tu sabe dos buracos do museu, que o museu ia cair etc.

Então, sabe é bem difícil de se manter esse diálogo e fazer com que as pessoas aceitem a coisa que acontecem aqui na cidade. Então vamos trazer os alunos, então nós fomos lá...com o intuito de conversar com os pais e mostrar pra eles que seria muito mais interessante trazer os filhos pra cá, pra que eles estudassem aqui. Estávamos oferecendo a escola Miguel Couto que seria a escola mais próxima. Eles seriam todos colocados num mesmo turno, pra que eles mantivessem um mesmo vínculo. Os professores que trabalham lá são os mesmos que trabalham no Miguel Couto... Mas nós sentimos assim...que houve uma...um trabalho de alguém...né, algum professor que não queria perder essa questão de...porque é muito cômodo eu ir pra uma escola onde eu tenho dois alunos numa turma....! Então é diferente de eu retornar pra cidade, trabalhar com uma turma de vinte e cinco trinta alunos que é o que acontece aqui no centro. Então houve essa resistência, que até então antes nós conversávamos com os professores eles estavam conformados que ...nós conversamos com a diretora que também não havia apresentado problema nenhum...Mas no dia da reunião foi um caos...digamos assim...Aí os pais se rebelaram, disseram que não era direito...coisa e tal...de eles saírem do meio que eles vivem, e eu comecei a argumentar que seria mais interessante eles virem pra cá e participarem do convívio com outras crianças, numa escola maior onde eles poderiam interagir, onde eles poderiam participar de todas as atividades que são propostas pra uma escola grande como o Miguel Couto, de todas as atividades propostas pela secretaria de educação...dos programas...mas mesmo assim eles optaram pela continuidade.

Se respeitou isso, só que dessa forma pra manter a escola o que se fez: se chegou a conclusão de que a escola teria que trabalhar com a turma multisseriadas, o que na minha opinião eu considero um retrocesso. A gente sabe que um professor jamais vai conseguir dar conta de fazer um trabalho, um bom trabalho por melhor que seja o professor, por mais dedicado que o professor seja, ele não vai conseguir dar conta de classes diferentes, com idades diferentes, de conteúdos diferente, num mesmo turno de trabalho. Então a escola está funcionando com dois professores, uma estagiária que está colaborando nessas turmas de primeiro ao quarto ano. Essa é uma configuração pra esse ano. E o que aconteceu: a escola tinha nove alunos, e esse ano pra não ficar uma coisa assim tão... nove alunos né....a gente fez de novo essa mesma fala com a diretora da escola, que se fizesse um trabalho de pesquisa com a comunidade pra ampliar o numero de alunos, e pra gente ter uma escola dita nos padrões normais que é o de cada professor com sua turma...mas infelizmente...houve um aumento até porque alguns alunos saíram daqui por falta de vagas na rede urbana, então nós tivemos que encaminhar pra lá, caso contrário...O meio em que eles estão inseridos não

apresenta condições de aumento ...não tem...a Carla enquanto diretora procurou fazer reunião com os pais...não tem...procuraram pra ver se tinha mais famílias chegando ali ou não ....Até existe ali uma vila que se chama vila Collovini que tem um grupo de alunos...mas aquelas pessoas não quiseram ir pra lá...preferiram vir pro Miguel Couto, porque eles já viram que ....eles tem um outro ponto de vista...eles preferem vir pra cá, pra ir acostumando os alunos no convívio.

Eu mostrei pros pais: vocês podem estar mostrando essa resistência agora de não querem tirar os alunos daqui, que acham que a escola tem um poder de cuidar dos alunos, que eles estão mais protegidos...só que nós temos que pensar em todo aquele período de transição de que nos temos que fazer um trabalho de preparação do aluno, porque de repente ele tá no convívio de nove alunos, numa escola com dois professores que é a situação agora...e de repente quando eles concluírem o quarto ano lá, eles vão ter que vir pra uma escola e vão se deparar com uma escola de quatrocentos alunos. E aí como vai ser a reação desses alunos, como vai ser o preparo deles e como eles vão se identificar nessa escola, com uma vida totalmente diferente do que é apresentada lá pra eles hoje?...Nós temos que apresentar uma realidade diferente dessas pessoas que estão ali arraigadas, enraizadas naquele mundo. Nós temos que apresentar pro aluno um mundo que existe fora daquela realidade deles ali...quando são trazidos pra feira do livro ficam ali agarrados à saia da professora, porque eles vivem lá assim no dia a dia. Então não há previsão de vai fechar a escola porque se garantiu isso pros pais...mas o intuito é de que com a vinda do presídio, que está sendo concluída a obra, a ideia é de aumente o número de alunos na escola. Porque nós enquanto rede municipal estamos com problema de espaço físico pra abrigar todos os alunos que a cada ano aumenta mais o número de alunos. Tanto é que lá na escola Santa Rita a gente está fazendo uma ampliação, são mais quatro salas de aula, pra dar conta da demanda. A escola Osvaldo Cruz já não tem mais onde colocar alunos, a escola Miguel Couto que são as duas maiores escolas, não tem onde colocar alunos.

Em função dessa polêmica se a escola é rural ou não é rural, a gente fez uma pesquisa junto ao plano diretor, e o próprio plano diretor tava ...uma hora dizia uma coisa outra hora dizia outra...aí chegamos a conclusão que a escola é urbana, porque tem toda a questão de tantos quilômetros de distancia da sede que é a prefeitura que determina isso, quantos quilômetros que tem da prefeitura até a localização da escola. Isso é que determina se ela é rural ou não...ela está num limite entre o urbano e o rural. Tanto é que o governo federal está com um programa chamado escola ativa para um tratamento diferenciado com as escolas multisseriadas, é a Magda que está coordenando esse projeto, e ela está fazendo tanto um

trabalho com os professores da escola Candinha quanto com os professores da James Johnson, que apresentam turmas multisseriadas. Sendo que o James tem até o término do ensino fundamental. Então é assim que está funcionando...pra administração ela é urbana com uma tipologia rural, sendo que o que define esta tipologia é o meio mesmo onde ela está, a distância, o trabalho dos pais que trabalham com plantação, voltados para o meio agrícola, são os pais que tem olaria, plantação de melancia, de outras coisas ligadas a agricultura...ela ainda é ligada à lavoura”.

## ANEXO 8

Lei 228/77 de regulamentação das escolas existentes no município, divididas em escolas rurais e urbanas.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Prefeitura Municipal de Arroio dos Ratos

LEI Nº 228 / 77  
DE 28 de março de 1977

CRIA ESCOLAS MUNICIPAIS E DÁ OUTRAS  
PROVIDÊNCIAS.-

HELIO MENEZES CHAGASTELLES, Prefeito Municipal de Arroio dos Ratos,

FAÇO SABER que o Poder Legislativo decretou e eu sancionei e promulgo a seguinte

L E I :

Art. 1º. - Ficam criadas as seguintes Escolas Municipais, já em funcionamento no Município, desde o ano de 1965.

- a) - NA ZONA URBANA: Escola Padrão Osvalde Cruz, Miguel Couto, Santa Rita de Cássia, Anita Garibaldi e Presidente Getúlio Vargas (antiga Governador Roberto Silveira).
- b) - NA ZONA RURAL: Escolas Duque de Caxias, Barão do Rio Branco, Presidente Castelo Branco, James Johnson (antiga Roque Callage), Assis Brasil, Dona Morena (antiga Barão de Santo Ângelo), Professora Candinha Saraiva (antiga Epitácio Pessoa) e Presidente Costa e Silva.

Art. 2º.- Esta Lei tem efeito retroativo desde a data de início do funcionamento das referidas Escolas, para efeito de validade dos cursos nelas ministradas e dos diplomas conferidos aos alunos que concluíram o primário.

Art. 3º. - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO, aos 11 de abril de 1977.

  
HELIO MENEZES CHAGASTELLES

PREFEITO MUNICIPAL

## ANEXO 9



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

**Prefeitura Municipal de Arroio dos Ratos**

D E C R E T O Nº 65/66

Denomina as Escolas Municipais  
e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DOS RATOS, no uso  
de suas atribuições legais.

D E C R E T A:

Art. 1º - As treze Escolas Municipais de Arroio dos Ratos passam a receber a denominação de: ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU MIGUEL COSTO, sita à Rua João Pereira da Silva, s/nº, funciona desde 09 de março de 1940; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU OSVALDO BRUNO, sita à Rua Roberto Cardoso, s/nº, funciona desde 11 de março de 1940; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO SANTA RITA DE CÁSSIA, sita à Rua Norácio Frates, s/nº, funciona desde 07 de março de 1966; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO ALICE GARIBALDI, sita à Vila Palmeira, funciona desde 13 de março de 1950; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS, sita no local denominado Fazenda Santa Rosa, funciona desde 05 de abril de 1960; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO DUQUE DE CALXIAS, sita no local denominado Cerro do Elias, funciona desde 03 de março de 1942; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO BARRÃO DO RIO BRANCO, sita no local denominado Gravata, funciona desde 05 de março de 1956; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO JAMES JOHNSON, sita no local denominado Farinal, funciona desde 06 de março de 1955; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO ASSIS BRASIL, sita no local denominado Fazenda São Martin, funciona desde 05 de março de 1942; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO PRO-



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

# Prefeitura Municipal de Arroio dos Ratos

PROFESSORA GARDINIA SARMIVA, sita no local denominado Passo da Barca, funciona desde 04 de março de 1953; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO PRESIDENTE COSTA E SILVA, sita no local denominado Cerro do Cupim Kirin, funciona desde 15 de março de 1955; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO PRESIDENTE CASTELO BRANCO, sita no local denominado Rincão dos Américos, funciona desde 03 de março de 1952; ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO DIGNA MORENA, sita no local denominado Zona dos Meneses, funciona desde 05 de março de 1956.

Art. 2º - Este Decreto tem efeito retroativo desde a data de início do funcionamento das referidas Escolas.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DOS RATOS, em 05 de dezembro de 1956.

SIDNEY FRANCKCHE VIEIRA  
PREFEITO MUNICIPAL

Registre-se e publique-se

SIDNEY FRANCKCHE VIEIRA  
SECRETÁRIO

**ANEXO 10 - Levantamento da Atas dos Resultados Finais – 1995**

Levantamento das Atas dos Resultados Finais  
 12ª Delegacia de Educação Ano: 1995

Legenda:  
 E = Extinta  
 D = Desativada

Nº	Nome da Escola	Faltam atas - Anos -	Extinta ou Desativada - Ano -	Data - início das atividades da Escola	Indicar alteração de nome, município de origem e transferência de município - Data -	Observações
01	E.M.P.G.I. Anita Garibaldi			13.03.1980		
02	E.M.P.G.I. Assis Farias		D= 2.7.95	04.03.1942		
03	E.M.P.G.I. Duque de Caxias		D= 7.3.94	25.03.1942		
04	E.M.P.G.I. Profª Condinha Saraiva			28.01.1977		
05	E.M.P.G.I. Pres Castelo Branco		D= 25.1.95	23.03.1962		
06	E.M.P.G.I. James Johnson			23.03.1977		
07	E.M.P.G.I. Miguel Couto			28.03.1940		
08	E.M.P.G.I. Osvaldo Cruz			11.03.1940		
09	E.M.P.G.I. Srta Rita Cássia			07.03.1946		
10	E.M.P.G.I. Pres. Dutra e Silva	87 em diante	D= 20.3.97	13.03.1970		
11	E.M.P.G.I. Roque Calogre	77 em diante		04.03.1955	Alteração de nome em 28.3.77 p/ E.M.S. James Johnson	E = Lei 1667/93, 21 e 93
12	E.M.P.G.I. Pres Getúlio Vargas	85, 86 em diante	D= 4.3.85	03.03.1977		E = Lei 1667/93, 21 e 93
13	E.M.P.G.I. Dona Morena	82 em diante	D= 30.6.82	28.03.1977		E = Lei 1667/93, 21 e 93
14	E.M.P.G.I. Barão do São Angelo	77 em diante	D= 04.3.77	23.03.1956	Alteração de nome em 28.3.11 p/ E.M. Dona Morena	E = Lei 1667/93, 21 e 93
15	E.M. Epitácio Pessoa	77 em diante		07.03.1955	Alteração de nome em 028.3.77 p/ Extinta Profª Condinha Saraiva	
16	E.M. Gov. Roberto Silveira	77 em diante		05.04.1960	Alteração de nome em 28.3.77 p/ E.M.P.G.I. Pres Getúlio Vargas. E = Lei 1667/93	
17	E.M.P.G.I. Barão do Rio Branco	93 em diante	D= 03.93	05.03.56		E = Lei 1667/93, 21 e 93



**ANEXO 11 - Ata de reunião ocorrida nas dependências da escola entre pais, professores e gestores pra tratar sobre a possibilidade de fechamento da escola**

ATA 04/2010

Aos TRINTA DIAS DO MÊS DE AGOSTO DO ANO DE DOIS MIL E DEZ, REUNIRAM-SE NAS DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO MUNICIPAL Prof.ª CANDIDA DE SARMAVA INEA A TERCEIRA REUNIÃO LEGISLATIVA, PROFESSORAS, DIREÇÃO E ORIENTAÇÃO TÊM TRATADO OS SEQUENTES ASSUNTOS ENTRE ELAS: RECORDOS DAQUELAS SUGESTÕES DO QUE ANQUIRIR COM O DIRETOR DO PDE (PROGRAMA DIMIÇÃO DIRETA NA ESCOLA), FOI SUGERIDO A COMPRA DE UM MICROSSOFTS TAMBÉM PARA IMPRESSORA E JOGOS PEDAGÓGICOS, PRESENTAÇÃO DE COMPAR DO TERCEIRO BIMESTRE SOBRE O DIÁRIO CÍVICO QUE ACONTECERÁ NO DIA QUINZE DE SETEMBRO, ÀS NOVE HORAS E SOBRE A SEMANA PAROQUIANA, NADA HAVENDO A CORTAR, LAUREA A PRESERVAÇÃO QUE SERÁ ASSINADA PELO MIM E PELOS DEMAIS PRESENTES APÓS OS RATOS 30 DE AGOSTO DE 2010  
ANDRÉ F. GARCIA, Bisquima

Ata nº 05/12/10

Após dezessete dias do mês de dezembro de dois mil e dez, às dez horas e trinta minutos reuniram-se na sala de aula, de seguinte pauta, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Cândido Toriço, equipe de aulas, professores, pais e a Sra. Gilma Oliveira, Secretária Municipal de Educação, Casais e famílias, Sócios, Genice e Mãe de Escola, mães pedagógicas da Associação Municipal de Educação e Família para Melhorar os Resultados, a discussão do fechamento da escola. O Sra. Secretária falou de educação de Sra. Gilma iniciou a reunião dando boas vindas e explicando aos participantes a decisão do fechamento da escola, por ter poucos alunos, muitos funcionários

e isso ser um grande gozo para o município  
 os pais questionaram sobre a mão Compara-  
 mento do Senhor Prefeito Municipal no reu-  
 no les pais sugeriram fazer alunos da zona  
 urbana para a rural, para aumentar o núm-  
 ro de alunos na escola fazer turmas mul-  
 tissimadas, les pais falaram que não gostari-  
 am de tirar seus filhos para estudar em  
 uma escola grande, dentro do número de a-  
 lunos e que ali na escola deveria ter  
 um lugar seguro e tranquilo para a apre-  
 dizagem dos alunos, onde não passassem  
 de preocupação. O Senhor Secretário de Educação  
 Gilmar Teixeira ouviu todos, disse todos as su-  
 gestões e questionamentos falando que não  
 se Compara com o Senhor Prefeito sobre o assun-  
 to, e dizendo oferecendo firma de um curso para  
 o dia vinte e dois de dezembro as mais bonas  
 para dar uma posição aos pais. Nada mais  
 fazendo a conta encerrando a presente ata que  
 será por mim e os demais presentes ad-  
 tinada de acordo com o artigo 17 de dezembro de  
 1974. Brinquere, Sandoz Souza dos Santos, Nivaldo  
Suzano Pereira de Souza, Fátima Antunes de Azevedo, H. V. de Azevedo  
Magda Natzenbacher de Silva.

Na nº 01/011 das vinte e cinco dias de mês de  
 fevereiro de dez mil e nove, às oito horas e trinta  
 e cinco minutos, reuniram-se nos dependências da taxa-  
 da Prefeitura de Tessino Tundominhos Professores  
 e Condutor Local, professores, funcionários e disci-  
 plina a fim de reunir pedagogia de ensino  
 para o ano letivo de dez mil e nove. A ordem  
 que iniciou a reunião despendo Srs. Brindas  
 e em seguida iniciado um geral e distribuição de

## ANEXO 12 - Boletim estatístico das matrículas do atual ano letivo de 2011.

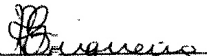


**PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO DOS RATOS - RS**  
**Secretaria Municipal de Educação e Cultura**  
**BOLETIM ESTATÍSTICO**

Estabelecimento: Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Candinha Suraiva  
 INEP nº. 43016359  
 Endereço: Estrada Dcna Laura – Passo da Barca      Zona: Rural  
 Turnos: Manhã: X      Tarde:  
 Dias: Letivos: 17      Mês: JULHO      Ano: 2011  
 Feriados: ----      Horário de Funcionamento: Das 8h às 12h

Movimento Matrícula			Número de Turmas	Matrícula Total			Eliminados						Novos			Matrícula Efetiva		
							Transferidos			Evadidos			M	F	T	M	F	T
Especificação			M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	
Pré-escolar	Jardim de Infância	Nível A	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
		Nível B	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
		TOTAL	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Classe Especial			--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
ENSINO FUNDAMENTAL	1ª Série	01	02	03	05	--	01	01	--	--	--	--	--	--	02	02	04	
	2ª Série	01	04	03	07	01	01	02	--	--	--	--	--	--	03	02	05	
	3ª Série	01	03	--	03	01	--	01	--	--	--	--	--	--	02	--	02	
	4ª Série	01	02	01	03	01	--	01	--	--	--	--	01	0	01	01	02	
	5ª Série	01	07	--	07	02	--	02	--	--	--	--	--	--	05	--	05	
	-----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
	-----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
TOTAL	05	18	07	25	05	02	07	--	--	--	--	03	01	0	13	05	18	

Arroio dos Ratos, 11 de JULHO de 2011.

  
 Carla Cristina Franke de Siqueira  
 Diretor: Portaria N° 1144/2008